RL

revista literária

23

25 anos

revista literária do corpo discente da ufmg

REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinada pela Reitoria da UFMG através de suas Pró-Reitorias

DEZEMBRO DE 1990/JANEIRO DE 1991 * ANO XXV * NÚMERO 23

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

ANA MARIA DE ALMEIDA

RONALD CLAVER CAMARGO

CARLOS ALBERTO MARQUES DOS REIS

BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

COMISSÃO JULGADORA DO 23º CONCURSO DE CONTOS E POEMAS

ANA MARIA DE ALMEIDA
RONALD CLAVER CAMARGO
CARLOS ALBERTO MARQUES DOS REIS
ACIR PIMENTA MADEIRA

COMISSÃO JULGADORA DO CONCURSO DE ILUSTRAÇÕES

MÁRCIO SAMPAIO (EBA/UFMG)
ISABEL CRISTINA DE AZEVEDO PASSOS (EBA/UFMG)
JARBAS JUAREZ ANTUNES (EBA/UFMG)

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

CENTRO DE EXTENSÃO DA FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

REVISTA LITERÁRIA

AV. ANTÔNIO CARLOS, 6627 — SALA L. 200 - 2º ANDAR
31.270 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

ESSE NÚMERO, COMEMORATIVO
DOS 25 ANOS DA RL, É DEDICADO
AOS SEUS FUNDADORES

Plínio Carneiro
Luiz Vilela
Luiz Gonzaga Vieira

Nossos agradecimentos ao ex-reitor prof. Aluísio Pimenta
grande incentivador desse projeto

ÍNDICE

CONCURSO DE CONTOS

Presente — *Luiz Dias Bahia* 11

A senhorita Thompson — *Denise Costa de Almeida* 21

Feliz aniversário — *Luiz Alberto F. Brandão Santos* 26

Trabalho Escolhido — Menção Honrosa

Impacto — *Adalgisa Botelho de Mendonça* 33

CONCURSO DE POEMAS

De como a princesa Somaprabha respondeu ao rei, seu pai, mediante aos três pretendentes — *Maria Esther Maciel de Oliveira* 39

Trama — *Maria Esther Maciel de Oliveira* 40

Delírios de Carl Jung — *Maria Esther Maciel de Oliveira* 42

Exílio — *Maria Esther Maciel de Oliveira* 44

Conselho chinês — *Maria Esther Maciel de Oliveira* 45

Fantasias para violino, voz, piano, flauta e percussão — *Luiz Alberto F. Brandão dos Santos* 46

Cartilha Brasileira — *Carlos Eduardo Cherem* 55

Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa

Disperso — *Antônio Rodrigues Alves Júnior* 70

Inventário — *Maria Esther Maciel de Oliveira* 72

Allegro — *Denise Costa de Almeida* 73

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

Tempo e modo — *Plínio Carneiro* 79
Feito flor — *Tânia Diniz* 81
Curral del Rei — *Ronald Claver* 82
Não importa o coração — *Ronald Claver* 83

CONTOS

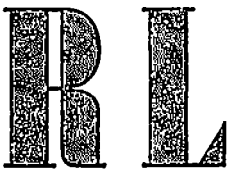
A volta do campeão — *Luiz Vilela* 87
Réquiem — *Luiz Gonzaga Vieira* 101
Dez/Encontros — *Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva* 111
A fila — *Magda Velloso Fernandes de Tolentino* 115

ENSAIOS

A festa de Babette — *César Nardelli Cambraia* 121
Querele - muito além de qualquer princípio — *Márcio Venício Barbosa* 125

RESENHA

Estatística da Revista Literária 133
Relação dos poemas recebidos 134
Relação dos contos recebidos 153
Publicações recebidas 157
Algumas críticas à Revista Literária 161



revista literária

CONCURSO DE CONTOS

1º Lugar

Pseudônimo: ALGUÉM

PRESENTE

Luiz Dias Bahia

FACE
MESTRADO EM ECONOMIA

Pior que um natal, só outro natal. É sempre assim. A mesma chuvinha aborrecida. Ruas vazias, amigos viajando, nenhum cinema decente. E um frio denso embaçando as janelas. Por toda parte, votos e votos de festa tão completa, que a expectativa nega a realidade. Acaba nesta melancolia, uma decepção em banho-maria. No mínimo, torço para o dia passar logo. Esta droga.

Triste mesmo, para completar o desgosto, é a ceia. A família toda espremida entre nozes, castanhas, perus, vinhos, pudins, pernis. Um desperdício de calorias. As mulheres reclamando de tanto serviço culinário. Desmentindo fofocas e inventando outras. Se ensaiassem, não imitariam melhor galinhas cacarejando. E a meninada correndo entre as mesas, atropelando os empregados. Um ali chora, engasgado com azeitona. Outro derrama vinho sobre a pomposa toalha branca de tricô. Tapas da mãe e mais choro misturado ao inferno de gargalhadas, arrastar de cadeiras, talheres. Entre os homens, apenas olhares respeitosos e conversa calma. Esta calma, vinda do tédio: a repetição de rostos e assuntos. Para sempre cair numa lerdeza solene. Os que se julgam mais sérios tentam frases de efeito: "se o Brasil não melhorar nesta década, nunca mais!"; "brasileiro é preguiçoso, malandro, querem votar — precisam é de trabalho no lombo!". Nestes momentos, para alguns, já na sétima dose de vinho, é impossível conter um risinho debochado. Arrotos se seguem. Piadinhas de salão. As gargalhadas do Juca cuspindo nos pratos

dos outros. Vovô esconde a pinga do Múcio, quase tonto. Discussões, insistência, nervosia, a turma do deixa-disto, hoje é natal, etc. Um peido sonoro ressoa pela sala. Após a sobremesa, as primeiras cólicas, diarréias. Correria aos banheiros. O de sempre: este ridículo.

Sentei ao lado do Luizinho, na escada. Papai Noel não te trouxe nada, bem feito — ele provocou. E você ainda acredita nisto? Besta demais: nem parece homem. Por que, por quê? — ele perguntava. Não existe esta marmelada de Papai Noel, otário. Seu pai é quem compra os presentes. Nem percebi quando começou a chorar. Só o vi correndo: mãe, o Arnaldo... Indignação geral. Tia Júlia veio correndo. Queria me pegar pela orelha, vejam só. Levantei vermelho, a garganta ardendo. Falei e repito — berrei — não existe! Todos os olhos em mim. Empurrei a porta da rua e saí. Para que ouvir a gesticulação bocal deles? Aquela estupidez gordurosa. Tanta gulodice para mal disfarçar a apatia mútua. Gente conformada a se ver, sem o menor afeto. Triste.

Despenquei rua São Paulo abaixo. Acabei por encontrar o Marião na esquina do cine Tamoio. Rodamos às tontas, até baixarmos num boteco imundo da avenida Paraná. Quanto pior, melhor. Uma crosta de gordura me impedia de encostar o cotovelo na mesa. Da calçada vinha o perfume de um esgoto entupido. Sobre os azulejos das paredes, posters de mulheres nuas. Um mulato, com uma garrafa de cerveja entre os braços, cochilava sobre o balcão. Às vezes, levantava a cabeça e, sem abrir os olhos, murmurava algo enrolando a língua. No ritmo de um batuque em caixa de fósforo, duas crioulas rebolavam e riam banguela. E perto da saída, enorme poça-dágua refletia o sufoco de edifícios da cidade. Volta-e-meia, outro mulato, gordo, em camiseta branca, cuspia nela. Os edifícios desmoronavam, num alívio, para se refazerem imbatíveis. Enquanto não cuspia, o gordo esfregava a mão direita na coxa esquerda de uma loura oxigenada. Que não olhava nem para ele, nem para a rua, nem para lugar nenhum.

Bebemos e fumamos até rachar. Após quatro meses de aluguel atrasado, ameaçavam despejar a república. Marião

Ilustração: Paulo Roberto Barbosa

jurava ir para debaixo da ponte — voltar para casa, nunca. Aprovei. E Rita, afinal, mandara notícias. Ele feliz. Dois meses desaparecida. Agora morando em apartamento no Rio, com um grupo de músicos. Mas exigia: nada de endereço aos pais, sempre indagando. Já o Jonas, fugira para Canoa Quebrada. Lucinha, grávida, estava desesperada. Só porque ele sumira? — perguntei. Antes fosse: acabara se suicidando, um tiro na cabeça.

Bebi mais. No contorno da garraga, o reflexo do meu rosto, deformado. Fiquei rindo para aquele rosto torto até não poder mais. Como se não acreditasse nele. Saímos tarde. Marião ficou na rua Tupis. Um quarteirão depois, peguei uma pedra no chão e atirei com raiva contra uma vidraça. Só parei de correr bem longe, quando alcancei o ponto de ônibus. As pernas e a cabeça doíam, pesadas do porre. Queria apenas chegar logo em casa e cair como pedra na cama.

Perto do Maleta, alguém sentou ao meu lado, num solavanco do ônibus. Mulher. Afobada, remexia a bolsa. Como se corresse perigo iminente. Por fim, retirou um lenço amarelo. Notei, então, seus olhos vermelhos e pelo rosto, lágrimas.

Virei para a janela: nada de indiscrição. Mas uma mão fria segurou meu pulso direito. E fraca, uma voz:

— Tudo bem? — ela disse.
— Tudo.
— Vai descer antes ou depois da Capivari?

Depois, expliquei. E cruzei os braços, livrando-me daquela mão.

— Ótimo — exclamou — imagine: você acaba de me salvar.

Sorri de besta, concordando. Claro: seguiam-na. Olhei para trás. Apenas casais sonolentos, sem suspeita. E ela ali, enxugando os olhos. Mais uma maluca de cidade grande, alguma paranóica gratuita. É fogo: um dia destes e ainda esta. Só no natal. E feia de arrepiar. Cabelos duros e vermelhos. Sardenta. O emaranhado de veias azuis sob a pele branquela. Para completar: mais magra, impossível. Nas extremidades dos ombros,

as pontas dos ossos. Pernas mais finas que os braços. O peito, uma tábua. Salvava a idade: seus vinte anos, por aí.

— Cara de quem comeu e não gostou — ela disse, guardando o lenço.

Olhei em volta.

— O trocador ali? — indaguei.

— Você. É a namoradinha que esqueceu o presente, hem?

Quem cala, consente. Olhei para o chão. "Namoradinha": vinte anos e parecia falar de algo remoto. A tia solteirona que faz troça do sobrinho. Era deixar correr.

— Voltando de lá?

— Lá onde?

— Da casa de sua namorada, é claro.

— Isto mesmo.

— Ah, eu sabia. A uma hora destas, no natal, todo moço só pode estar voltando da casa da namorada. Beijinhos, nozes, vinhos, gente alegre e música. Garanto que ela é assim... morena, olhos grandes e negros, destas que já estão usando mini-saia. Adivinhei?

— Na pinta.

— Viu? Você tem mesmo cara de preferir morenas — convenceu-se, num sorriso logo retraído — E qual o nome dela?

— Nome? Bom... — Marina, Cristina, Adriana ou Mônica. Arrisquei:

— Aristolina.

— Nossa!... Estrangeiro?

— Nada. Os pais dela tem mania por nomes antigos.

Ficou olhando a chuva fina escorrer pelos vidros. Descia por ali um filete d'água, e ia empoçar o corredor do ônibus.

— Sabe de uma coisa? — ela disse.

— Hum.

— Tenho um irmão com nome de Aristófeles. A-ris-tó-fe-les. Este nem dá apelido, né?

— Parece nome de inseto.

— Pois é. Meu pai quem quis. Mas ele não gosta de nome antigo nem nada. Foi de propósito, o nome mais feio que pôde inventar. E tudo porque, como diz, nunca viu cara mais horrorosa que a do meu irmão quando nasceu.

No Beco do Cura um cão mordia e rasgava furioso vários papéis azuis de presente. Uma lata-d'água, embaixo de uma calha, transbordava. De repente, descobri um certo calor daquela perna magra, junto à minha.

— Seu pai é que deve ter cara de cachorro leproso — eu disse.

Ela me encarou, arregalou os olhos. Tentei.

— Quer dizer...

Sorriu. E abaixou o rosto, um pouco corada.

— Deixa pra lá. Nem vale a pena. Ele, já até vi, meses atrás se esfregando noutra mulher, perto da rodoviária. Quis fazer um escarcéu. Mas jurei contar tudo à mamãe.

— E aí?

— Tive medo dele me agredir.

— Não ligue, não. Meu pai também — menti — igualzinho ao seu.

— Verdade?

— Verdade. Com as empregadas. Eu já estava careca de ver, entende? Então, tirei umas fotos. Mostrei para a família toda. Um escândalo. Exigiram dele o desquite. Ele implorou perdão à mamãe, ajoelhado e tudo.

— E depois?

— Endireitou. Chega em casa cedo, só sai com mamãe e comunga todo domingo.

Rimos os dois. Sua bolsa acabou caindo embaixo da cadeira. Agachei rápido. O fecho abrira e pulara um papel com endereço e horário de uma festa de natal.

— Está vindo de alguma ceia também?

— Uma reunião — respondeu arrastado, aborrecida — Amizades... desde menina. Mas saí logo.

Bobagem insistir: se quisesse se abrir, bem. Fiquei observando seu rosto: além de magro, era amarelo e doentio.

— Sabe quando te tratam — ela disse — com muito cuidado? Você sente no ar, um clima assim para tornar sua presença suportável, entende?

— Mais ou menos.

— É no jeito de conversar ou de olhar. Sei lá. Mas, de repente, acabam te mantendo calada, ouvindo caso de gente desconhecida. Não dá.

Ela olhava o vazio de umas cadeiras desocupadas. Imóvel. Aquilo parecia parte de uma constatação fatal.

— Entendo — eu disse.

— Pois então — repetiu — larguei de mão.

O ônibus cruzou a rua Palmira. Ela levantou assustada. Deu o sinal e me puxou pelo braço.

— Vai comigo até em casa? Por favor, meu pai me mata...

Descemos correndo. Minha casa ficava perto e o vento frio curaria o porre. Ela andava a uma distância cuidadosa. Desconfiada, desviava o olhar atento à rua, para me controlar. Quanto mais subíamos, mais parecia tensa. Mordia as unhas ou coçava com força o braço esquerdo.

Parou de súbito, e encostou numa árvore.

— Você não tem medo? — ouvi.

Nas ruas vazias, a escuridão era densa e sem forma. Nenhum policiamento por causa do feriado. E a favela ali, encostada.

— Não tem perigo. É só irmos pelo meio da rua.

— Não. Estou falando de outro medo.

— Outro?

— Outro. Um medo da gente mesmo.

— Como? Assim...

— Assim de você. Um medo de se afundar demais no seu lado obscuro. Até se acomodar nele. Afogando, sem saber.

Pés de sapato, panos, vidros e pedaços de papelão desciam na enxurrada. Um quadro de miséria, calamidade pública. Mas, quando meninos, minha irmã e eu nos divertíamos, pescando estes trapos.

— Faz um ano hoje que o paizinho morreu — murmurou.

— Seu pai, então...

— Não, nada disto. Paizinho era um velho lá da rua: seu Ari. Vinha sempre jogar dominó comigo, depois da escola.

Bateu um vento frio. Fechei a jaqueta, ela abraçou a bolsa contra o peito.

— Pai nunca brincou conosco. Mal distinguia a voz dele direito, acredita?

— Puxa.

— Sabe o que o paizinho dizia? Olha, menina, gente é um rio correndo numa margem só. Bonito, né?

— Bonito.

— Às vezes, fico com este troço: medo de nunca conseguir viver o outro lado. Não dá em você?

Lembrei do Jonas, em Canoa Quebrada. A nuca pesou além da cerveja pesando. Olhei para o céu. Cinza compacto. Um quase-luto.

— A lua podia aparecer hoje — eu disse.

Agasalhei a mão direita, revirando o bolso. Uma moedinha gelada. Esfreguei-a devagar — até ficar morna.

— Não podia? — repeti.

Olhou o céu, também. Nuvem, um urubu cochilando no poste telefônico. Fez sim com a cabeça. Abriu a bolsa e começou a procurar algo.

— Vem cá — ela disse.

Aproximei. Mostrou uma carteira de identidade. No retrato, uma moça sorridente, rosto redondo com duas covinhas laterais.

— Amiga sua?

— Eu mesma.

— Mas.

— Emagreci muito. Vinte e seis quilos. Desde que fui operada, há dois meses.

Pensei no tio Mário. Custei a reconhecê-lo, quando morreu: mais magro que uma sombra. Três meses de câncer.

— Operação de quê?

— Coração.

Um mês antes do tio Mário morrer, visitei-o em casa. Só falava na filha, no cargo de promotor no fórum, planos e planos para quando saísse dali. De mais a mais, aquela úlcera era o de menos, certo? Claro, claro.

— Problema de coração emagrece tanto? — perguntou.

— Emagrece, às vezes.

— Lá em casa, vivem repetindo — um nome esquisito... convalen-

— Convalescença.

— Isto.

— Mas quem fala nisto lá?

— Ninguém assim, quer dizer: meu pai.

— Seu pai.

— É. Meu pai.

Olhei-a nos olhos. Depois abaixei a cabeça. Senti uma falta de assunto definitiva. Ela guardou a carteira, sem pressa. Suspirou. E ficamos ali bom tempo, eu a esperando.

— Vamos? — ouvi.

E virou, como se tivesse levado um susto. Pôs-se a andar tão rápido, que custei acompanhá-la.

Era uma casa antiga, muro alto, portão colonial. Esperei-a. Fora ver se a porta da sala estava aberta. Do contrário, teria que acordar o pai. Ele era terrível, repetia. Proibira-a de sair. O que iam falar por aí, vendo-a tão abatida. Controlava-a em tudo. Se ainda chegasse sozinha, estaria perdida. Por via das dúvidas, meu nome era Roberto, irmão da Sandra, sua vizinha.

Voltou. Tudo em ordem. Agradeceu. Já trancava o portão. Era agora ou nunca, pensei. Romper a farsa. Cara a cara.

— Espere — eu disse.

Ela largou o cadeado, assustada. Abri a boca. Não saiu nada. Afundei as mãos nos bolsos. Chutei uma pedra.

— O que é?

A enxurrada era menor, mas ainda desciam trapos. Desciam.

— Você — eu disse — ainda não...

Seus olhos: descorados, mais úmidos do que a calçada, o muro da casa. Uma enxurrada, para qualquer um ver. O que mais?

— Ainda não — gaguejei — não sei o seu nome.

Ela pegou de novo o cadeado, apertando-o entre os dedos. Sorriu um sorriso fraco. Como se, por um instante, se sentisse livre. Ou como se expressasse uma inutilidade. Insisti. E também pedi o telefone.

— Elisabete.

— E o telefone?

Guardei. Trancou o portão e subiu a escada, sem ruído.

Andei devagar. Quando dobrei, enfim, a esquina, pude notá-la ainda me observando sobre o muro. Sorri. Pulei numa poça, esparramando água por todos os lados. Moleque. Chutei toco, espantei um gato, lambuzei-me. Olhei com emoção para os prédios, casas em silêncio, janelas apagadas. A cidade. E as pessoas, sem notar, dormindo dentro de um presente.

2º Lugar

Pseudônimo: DICK TRACY

A SENHORITA THOMPSON

Denise Costa de Almeida
LETRAS

O sinal tocou. A primeira aula era de Inglês. Merda. Mais um dia daquelas lições imbecis com estudantes que viviam lavando o carro do vizinho e perguntando quanto ganha o seu pai. O pior é que não podia matar: mais uma falta e Bum! Entrei na sala com um ar de cdf. Ia sentar na primeira carteira, mas o rebanho já tinha ocupado tudo. Uma lourinha lá trás. Talvez desse pra passar a mão nela. Tinha uma carteira vaga do lado.

— Please, open your book on page 27.

Outra lição. Na pior das hipóteses, pior que a de antes. Era sobre uma tal de Srta Thompson, que era bibliotecária mas tinha seios geniais. Folheei as páginas seguintes. Ela só usava pulover a lição toda. Droga. A lourinha do lado tinha cara de panaca. Fiz de conta que tinha esquecido a caneta e pedi um lápis emprestado. Ela riu. Era sinal verde.

— Repeat please after me...

Não tinha vontade de abrir a boca. A lourinha tinha uma mancha no joelho esquerdo. Fingia estar repetindo a ladainha. Era melhor chegar a cadeira pra mais perto. O coro de igreja repetia a lição. A Srta. Thompson levava um aluno para conhecer a biblioteca. Os alunos estavam interessadíssimos naquela excursão babaca. Aquelas caras de idiotas devem ter dado o maior trabalho pro ilustrador. A lourinha subiu a saia de propósito. Era branca pra caralho.

— Turn the page, please.

A biblioteca onde a Srta Thompson trabalhava estava cheia de livros. Só na gringolândia mesmo. Não tinha nada interessante na gravura, como alguém dormindo em cima do livro ou com uma revistinha de sacanagem dentro. A lourinha pegou na minha mão. Era melhor do que eu pensava. Botei a outra mão em cima do livro, pra disfarçar. Olhei a gravura fingindo interesse. O meu dedo estava em cima dos peitos da Srta Thompson. A lourinha gemeu.

— Não faz barulho, ô mocréia!

— Mas eu não fiz nada...

— Você não gemeu?

— Eu não, você está com a mão no meu joelho

Tinha sido a Srta Thompson. Ela estava vermi gravura. A lourinha fechou os joelhos e arredou a carte A Srta Thompson arriscou:

— Sorry, it was my...

— Deixa pra lá...

— What? Can you repeat, please? I didn't under:

A gringa não entendia português. Eu não podi no que estava vendo e ouvindo. Olhei pro livro da não acontecia nada além da lição idiota. Era só no que a Srta Thompson conversava. Devia ser efeito c que eu tinha puxado antes da aula.

— In the other picture you can see Miss Thon is inside the library talking about the new books with th

Olhei a gravura de novo. A Srta Thompson parec de ter que fazer isso em todos os livros. Imagina só estudantes babacas que devia ter numa edição. Olhei capa do livro. Era a 37ª edição.

Passei a mão no cabelo dela. Era louro e macio c Pensei que ela ia achar que era ousadia minha. N Disse até que gostou. Lembrei que um cara lá da me dito que as americanas eram super-sacanas. A Srta não parecia ser. Tinha cara de bibliotecária. Mas em era melhor ficar de sobreaviso, esperando um sinal. Aqueles peitos geniais.

Ilustração: Fernando Coimbra Perdigão

Ela me contou que trabalhava o tempo todo e não recebia hora extra. O meu inglês dava pra entender muito mal. Mas ela me mandava consultar a parte de gramática e o Vocabulary do final da lição. Eu disse a ela que um dia os livros de Inglês iam ter legenda. Ela riu um risinho quase sacana. Ninguém da sala sacou nada. Já tinha escorrido quase uma hora. Ainda tinha mais uma. Pela primeira vez eu queria que a aula de Inglês não acabasse nunca. A Srta Thompson parecia meio tímida e isso aumentava o meu tesão. Só depois saquei que aquilo era fingimento dela pra aumentar o meu tesão. Era a primeira vez que eu conversava com uma gringa de peitos geniais. Ela me olhava com um ar amigável. Comecei a ficar com remorso dos meus pensamentos sujos. Mas não conseguia tirar os peitos dela da minha cabeça. Nem dos meus olhos. As americanas eram umas vacas, mas a Srta Thompson tinha um sei lá o quê de especial. E já dava sinais de não ser conservadora, porque quando viu que eu estava olhando o tempo todo pros peitos dela, tirou o pulover.

— Repeat please after me...

A voz da professora assustou a mim e à Srta Thompson. Tive medo de que com o susto ela vestisse de novo o pulover. Não vestiu. Debaixo do pulover ela usava uma camisa de malha justinha. Não usava sutiã. Ela me disse que ia estar no 3º quadrinho da página seguinte, atrás da estante. O chefe dela entrava agora e podia pegar a gente conversando.

— OK. I'll turn the page.

Meu inglês melhorava. Uma gringa atrás da estante era demais. A lourinha fazia de conta que estudava a lição. O resto da turma fazia uma leitura silenciosa. Ia ser difícil conversar agora. Miss Thompson sacou o clima e disse que se eu rabiscasse o livro ela podia ler. Estremeci. Fazia dois meses que eu vinha rabiscando bigodinhos, chifrinhos e caralhinhos em todo mundo. Sem contar as sacanagens maiores. Ela riu do meu nervoso. Era gostosa demais.

Virei a página tão depressa que derrubei os livros da estante. A Srta Thompson abaixou pra apanhar. Sem querer vi as pernas dela. Um avião. Aqueles pelinhos louros eram demais. E nem era água oxigenada com blondor. Era natural. Fiquei imaginando se a Srta Thompson era loura em outros lugares. Ela ficou falando o tempo todo da biblioteca. Fiquei pensando que isso devia ser coisa de personagem de livro de Inglês. Só depois saquei que ela fazia referência a uns livros de sacanagem que ficavam naquela estante. Um tal de Joyce, um Wilde e uns outros. Era demais. Fui sacando a ousadia dela. A timidez era só fachada. O que ela precisava mesmo era de um leitor prá se desreprimir.

Resolvi fechar o cerco prá ver se dava rock. Disse pra ela que ela era bonita demais para estar oprimida naquela biblioteca. Era uma adaptação de uma frase do Clark Gable que eu tinha visto na televisão. Ela tomou como minha porque na certa não tinha TV. Esbarrei nos peitinhos dela sem querer. Ela não se importou. Devia estar gostando. Cotovelo vai. cotovelo vem, não acontecia nada. Já estava chegando o final da lição. Vi o Verb Table. Não tinha acontecido nada ainda. Comecei a ficar nervoso. Olhei a lição seguinte. Tinha o desenho de uma velha fazendo tricô com um gato no colo. Puta merda. A Srta Thompson não ia continuar.

Ela reparou na minha ansiedade e disse que eu podia pedir o que quisesse. Qualquer coisa. Talvez um livro. Pedi pra ver os peitos dela. Ao invés de me dar um tapa na cara ela levantou a camiseta. Só pra mim. Nos outros livros she was saying good bye to the students. Era o primeiro peito de americana que eu punha a mão em quatorze anos. Abaixei a cabeça pra dar um beijo nela. O sinal tocou. Era o fim da aula. A lourinha saiu da sala me olhando com um ar de desprezo. Não tive coragem de fechar o livro. Todo mundo saiu da sala. Eu fiquei. Segurando os peitos da Srta Thompson. Já estava todo sujo de baton.

3º Lugar

Pseudônimo: NA NOITE, VOZES

FELIZ ANIVERSÁRIO

Luíz Alberto F. Brandão Santos
LETRAS
Mestrado em Literatura Brasileira

Não, ninguém não — respondeu Bruno desatento. E ficou lá, brincando com os bichinhos de plástico sobre o tapete. Entretido no meio dos seus bichinhos.

O ar frio da tarde que cai. O ar meio cinza. Aquela sala se enchendo daquela massa cinza e fria. Massa densa. Aquela sala quieta. O irmãozinho brincando no tapete, em silêncio.

Ainda é muito cedo, filho. Vai ver televisão. Deve estar passando aquele filme de aventura que você gosta.

A voz vindo da cozinha. Voz morna na tarde fria. Os sons da televisão no outro quarto. Tiros, derrapagens, explosões. Barulhinhos longínquos. Televisão falando sozinha.

Efigênia, me ajuda aqui com esses salgadinhos.

Bafo quente de forno ligado. Sabores flutuando da cozinha, passeando pela casa. Sabores quentes na tarde fria, prenúncio de delícias.

O telefone na mesinha.

Será que tia Marta vem? Já não gostava tanto de filmes de aventura.

Filho, a campainha. Atende a porta pra mim.

As pernas velozes se alongam num vôo que atravessa a casa. O barulho das batidas do sapato. Gesto rápido escancarando a porta. Coração aos pulos.

Ilustração: Fernando Coimbra Perdigão

Mãe, vem ver que bolo bonito! Deixa eu contar quantas velinhas. Você ainda não sabe contar direito, Bruno. Sei, sim. Eu sei contar sim, viu?

O irmãozinho de cara emburrada voltou pros seus bichinhos. Não sabia contar, não entendia dimuito ocupada com o seu nenê com seus bichinhos.

Quantas horas são, pai?

O cinza já era negro na noite. A cor amarela das lâmpadas acesas. Esse frio tão silencioso.

Você convidou todos os seus colegas?

A casa cheia com todos os amigos. O Renato, a Rita, o Marcelo, o Cacá, a Solange, a tia Marta. Nunca tinha visto a casa tão cheia! Ganhar tantos presentes!

Deixa eu comer um pedaço do bolo, mãe? Espera mais um pouquinho, Bruno.

O pai olhando o relógio. Ainda é cedo, filho.

Alô, Marta? Como é, você vem mesmo? Ah é? O que é que houve? Ih, meu deus, que é que ele tem? Ah... mas com esse frio gripa mesmo. Puxa, que pena. O Beto tava te esperando. Você sabe que ele te adora. Não, eu falo com ele. E quando o nenê melhorar você vem dar o abraço pessoalmente. Tá. Então tá. Um abraço no Jorge. Tchau.

O irmãozinho já fazia cara de sono. Deitado no tapete. Olho mole.

Filho, não fica aí fora, tá muito frio.

O telefone toca. O nenê novinho doente. O nenenzinho todo enrolado. Cestinha rendada com talco e sabonete. A tia tão querida, muito ocupada com o seu nenê gripado. Nenenzinho tão frágil.

Come uma empadinha, Beto, você deve estar com fome.

O irmãozinho dormindo no tapete. Parecia um anjo.

Daqui a pouco eles chegam, filho.

Ninguém telefonou, Bruno?

É que a noite está muito fria.

Quantas horas, pai?

Pode ir dormir, Efigênia.

Filho,

vamos dormir, já é tarde.

Feliz aniversário, filho.

As luzes das casas brilhando na escuridão. A rua tão quieta.

A mãe sorrindo com ternura, meio sem graça. Uma empadinha. A mão no seu cabelo.

Céu cheio de estrelas. O vento soprando um silêncio profundo.

Os bichinhos espalhados pelo tapete.

Tudo tão quietu.

Aquela voz tão doce.

Sozinho na porta de casa, olhando pra rua.

Noite tão fria.

CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

IMPACTO

Pseudônimo: FLORISBELA

Adalgisa Botelho de Mendonça
LETRAS

A mulher lenta e solene pousa na cadeira invisível no canto do quarto. Levanta-se, pega um livro na estante inexistente, folheia-o com atenção e destreza, sabe onde encontrar a página que procura. Olha-a, aos poucos sua fisionomia se transforma, adquire brilho nos olhos e sorri com uma leve ironia. O estilo do autor a contagia, passa a página, já com uma incontida expressão de prazer fundo, de alma serena. Continua a ler um pouco mais, com imenso interesse e, balançando levemente a cabeça, deposita o livro com peso, formato e cor na estante quase real, separa com a mão esquerda o espaço reservado para ele, meio-apertado, dando leves toques para ajeitá-lo melhor. Com seu meio-sorriso senta na cama como se ela fosse irreal, sustentando o peso do corpo nas pernas, os braços apoiados nas coxas, tensão máxima. A mulher-animal-atento fixa o olhar no quadro com interesse e atenção, mas sabe que prescruta a própria mente. O quadro é imenso, com a borda superior meio-inclinada, projeta-se ameaçadoramente para frente como se quisesse fisgá-la. O medo começa a se instalar na mulher-animal-atento que se defende inclinado a cabeça para baixo e se estremece num instante de desequilíbrio. A parede deixa de existir, só o quadro sobressai, tomando forma cada vez mais ameaçadora, enrobustecendo, individualizando-se. A mulher cai de

cabeça se enroscando nas pernas, vibrando como uma semente que incha, respiração ofegante e rola pelo chão; ora com suavidade, ora apressada, para bater na cadeira, estante, cama e depois desviar. Os objetos limitam o seu espaço. Num acesso de fúria ela levanta e quebra a cadeira e estante inexistentes que a incomodaram. Ouve-se o barulho de madeira lascando quando ela pega a cadeira pela perna para bater várias vezes no chão. Joga o caco de perna contra a estante que desaba com livros. Ela dá um pulo para trás tentando livrar o pé do peso da estante. Pega outro caco de cadeira e sai batendo na estante, mas tem o cuidado de não ferir os livros, os quais toca com ternura, sentindo o relevo das letras, a textura das capas; se enternece. Exausta, saltando os cacos e objetos do chão, se enfia debaixo da cama. Mais calma, seu rosto volta a fixar o quadro, agora inofensivo, impassível. Lentamente se levanta, salta os cacos e livros e, como se possível fosse, apóia-se na tábua da estante existente-inexistente e arranca o quadro da parede. Abraça-o com ternura, senta no chão, toca as suas cores e, redescobrindo-o, contorna as suas linhas com o dedo. Ela sorri. Depois se levanta, volta a se apoiar no caco de estante e pendura-o com a face voltada contra a parede. Mais leve, saltando os objetos no chão, abre a porta do quarto e sai.

A mulher de preto, sentada na cama, telefone no chão. O homem morto, nu, de bruços, o braço pendente. O policial, da porta, fotografa a imagem da televisão, o colorido da cortina, a textura do cabelo da mulher em ângulo restrito, pois não interessa o revólver, as evidências, as luvas cuidadosamente colocadas. Não se pode esquecer dos brincos de argola, dourados, brilhantes, sob o reflexo da luz. A vítima expõe a marca da sunga no doce sono da morte.

A volúpia do gesto arrebatado sob a roupa colada no corpo. A perna levantada, tensa, mais revela que comprime o prazer. O ombro semi-nu, anguloso em suas sombras ósseas. Vontade de tocar, deslizar as mãos sobre a pele nua. A calça desbotada, pendurada, registra a nova cena e sugere murmúrios incontidos. Com os cabelos levemente caídos na testa, o homem, quase teatral,

Ilustração: Paulo Roberto Barbosa

observa a mulher no seu abandono. Abre os braços em diagonal e paira, como um planador ao redor da mulher. A semente incha na água. Ele ergue o rosto, puxa a própria camiseta preta sobre o corpo musculoso, sem pelos, revelando o mamilo.

A mulher sente o cheiro do homem. Ambos farejam movimentos. Ensaiam passos de balé, precisos, ocupam os espaços vazios em contínuo movimento, a espera do toque sutil.

Boca na boca, as mãos distraídas nos cabelos claros. Fluidez irrequieta de desejo entre lençóis leves e claros. As mãos macias, os dedos longos, nariz explora ouvido. Inspirar-expirar, inspirar-expirar. Mais apressado, o sangue percorre as veias cheias de vida.

Os membros retorcidos, presos na folha de amarelo-intenso, mas com um pouco de acuidade, nota-se um rosto calmo, sereno, entre as imagens gritantes, carregadas. O quadro descansa na parede imensa, quase nua. Uma cama de ferro leve, simples, de verde desmaiado. O quadro grita na parede, pede socorro na atmosfera calma de quarto nu. Fissura em carne viva.

O policial, da porta, fotografara o grito da mulher, mais que o corpo inerte do homem.

Presa na cela-hospital, a mulher volta a tocar o quadro-foto. Abraça-o com ternura, senta no chão, toca as suas cores e, redescobrindo-o, contorna as suas linhas com o dedo. Ela sorri. Depois se levanta, volta a se apoiar no caco de estante e pendura-o com a face voltada contra a parede.

revista literária

CONCURSO DE POEMAS

1º Lugar

Pseudônimo: GRADIVA

DE COMO A PRINCESA SOMAPRABHA RESPONDEU AO REI, SEU PAI, MEDIANTE OS TRÊS PRETENDENTES

Maria Esther Maciel de Oliveira

LETRAS

Doutorado em Literatura Comparada

— Entre um herói, um mágico
e um artista
prefiro o que faça
o imprevisível,
o delicado no amor
perverso na sutileza
que saiba a mágica, a arte
e a conquista
sem que seja três
ou um de cada vez.

TRAMA

Maria Esther Maciel de Oliveira

Não há cena previsível
— predizível —
para o amor
que se reserva
ou se arrisca
em solidão:
habitar o não-sabido
o sem-nome do sigilo
é a sina dos que inventam
— entre sombras
e intervalos —
a paixão.

Ilustração: Ana América Antunes Rezende

DELIRIOS DE CARL JUNG

Maria Esther Maciel de Oliveira

A flor de Ouro
resplandece sobre a areia:
a água, o trovão e o abismo
em confluência de fúrias
arremessam cores na lua
que, em loucura
reluz
em rito e carnaval.

O príncipe salva o dragão
e mata a princesa.

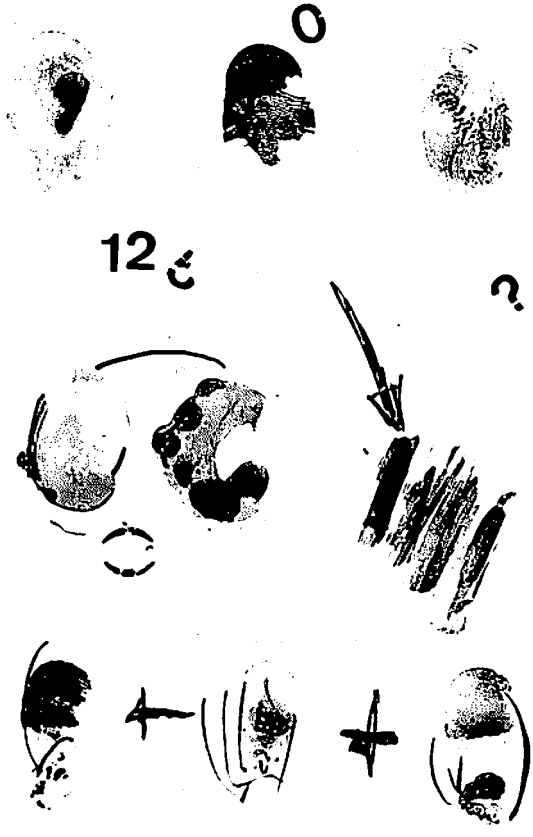


Ilustração: Maria do Carmo Olímpio da Fonseca

EXÍLIO

Maria Esther Maciel de Oliveira

Não me perguntes quem sou:
meu nome ainda é falta
e além da letra
me desfaço
em pedaços de não-ser
Onde moro
é sem rumo
não habito
o meu lugar
estou à cata
da palavra
que nomeie o meu desejo
e reinvente o meu olhar.

CONSELHO CHINÊS

Maria Esther Maciel de Oliveira

"O trovão no meio do lago:
a imagem do seguir."

Os velhos preconceitos
nadificam-se
sob o fogo do trovão:
o lago remove ciscos
do seu ciclo
e o forte avança
com sua lança de morte

não há perigo:
os pêlos também
mudam de estação.

2º Lugar

Pseudônimo: AR EM ONDAS

FANTASIAS PARA VIOLINO, VOZ, PIANO, FLAUTA E PERCUSSÃO

Luiz Alberto F. Brandão dos Santos

LETRAS
Mestrado em Literatura Brasileira

1º movimento: Violino - larghetto appassionato

afiada lança
num gemido
corta a corda
o arco teso
avança
destemido
rompendo o ruído
em dança

?

que suavidade é essa
que essa fricativa faca
incisivamente viola

fere fundo o fino som
lança-se, lancina-se
em gritos que grassam
por ocos e ecos
das mais íntimas grutas

?

que doçura é essa
que essa abrupta harpa
preenche de selvagerias
sangrando coração
pedra lapidável
a lívida lâmina
da exasperação
implacável
musica-se em minúsculos fios

?

que sintonia é essa
tangida dessa aguda flor
que brota da débil mansidão
e frutifica-se
em requintes e tormentos
de uma incondicionalmente
dor

2º movimento: Voz - andante cantabile

Luiz Alberto F. Brandão dos Santos

língua é luz
corda é onda
sonora sinuosa sino
repicando o canto

a música do pulmão
orgânica melodia
pousada no espaço
da pipilante ave
do pássaro da boca

falar virar vento
signo virar céu
fibra vibrar fluxos
som vazando sonhos

em sopro virar-se
solfejo vir-a-ser

ar na fonte
voz em foz

3º movimento: Piano - adagio sostenuto

Luiz Alberto F. Brandão dos Santos

Evapora a noite

o movimento das teclas

se alonga

longe

jorrando silêncios

um piano cintila

cada acorde dissolvido em luz

em reflexos de estrelas no vidro

das janelas para a cidade

dissolvido em doçuras de céu

azul nem negro

branco nem cinza

o som dos olhos atuando

sobre a cor das texturas serenasonoras

vibram

os odores do ar

o pulso das cordas tocadas

pelo tremor dos dedos

mãos que dançam leves

como brisas lentas

arrepios se deslocam pela sala

pensamentos (sem palavras

o corpo entregue a seu canto

fundido no vapor do tempo

imagens sem idéias)

repousado no sabor dessas horas

o corpo falando sua língua de sensações

flu

tuantes

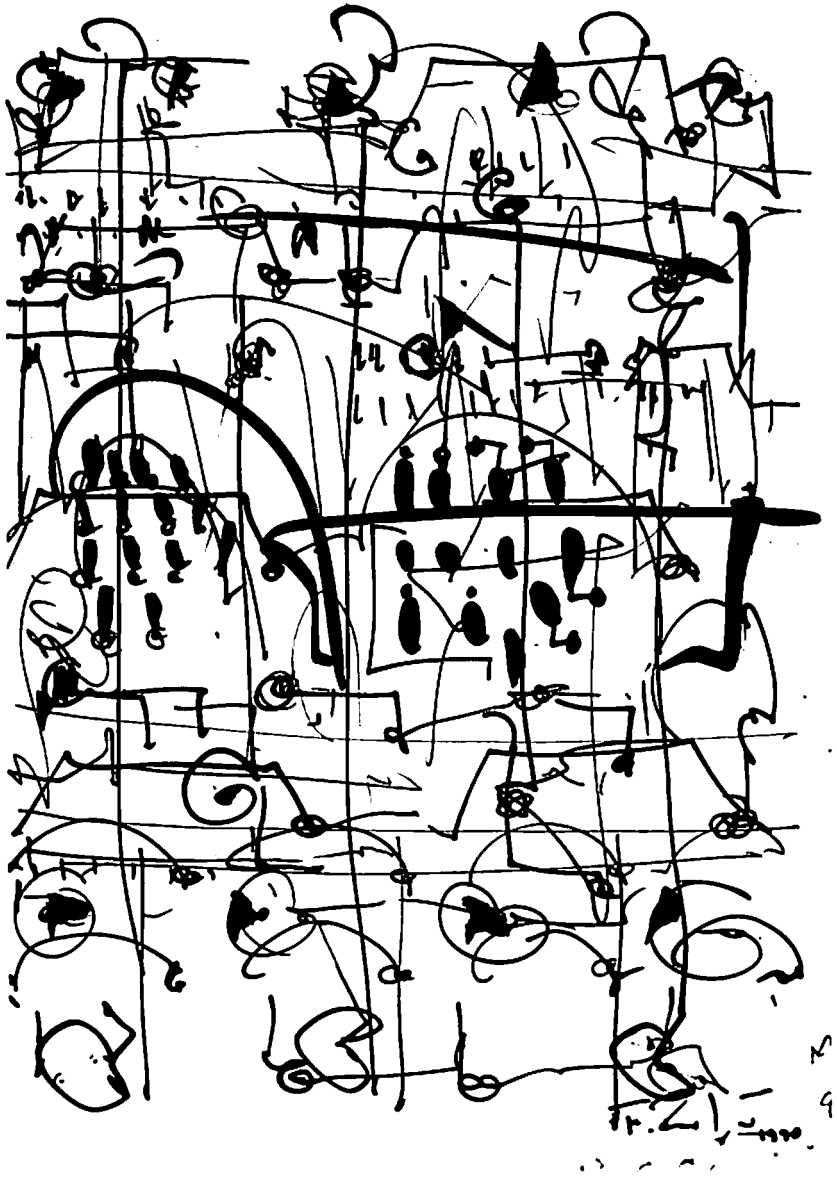


Ilustração: Fernando Coimbra Perdigão

animal musical

musicado coração se adensando

escorrendo pelos

poros

liquefeitos sentidos

refrescando a temperatura

dos ruídos que balançam janela adentro

o sopro de cada som

na voz de um anjo sussurrada

no ouvido desatento

anunciando a exuberância

desse instante vivo

na noite já gasosa

jorrando silêncios um piano cintila

a vida

4º movimento: Flauta - allegro scherzando

Luiz Alberto F. Brandão dos Santos

fl fl
em ocos a auta
fl
oreja
fl
avesce
fl fl
agra-se em ashes
fl fl
erta-me em uxo

fl fl
auta que ana
fl fl
ama ébil

fl fl
utuantemente ácido
fl
ume

5º movimento: Percussão - allegro assai, con fuoco

Luiz Alberto F. Brandão dos Santos

palma do pé
pisa a terra
pelada

cada passo retumba-me
chuto pra frente as pernas
sincopo-me em rude ritmo

só sons opacos sou
de entrechocados ossos
saco de soltos chocalhos

negro murro do gesto
bumbo-músculo balan
ça abrupta mão

tonto tambor
só sobre
saltos sou

áspera pe
le rasgada
rugoso couro co
lide no mu
ro do ar

ressono-me eu
pulso selvas
de sussurros

bumba tumba tomba
rebomba retumba bomba
o peito

em êxtase,
tremorro-me

3º Lugar

Pseudônimo: PIMPOLHO

CARTILHA BRASILEIRA

Carlos Eduardo Cherem

1

estrangeiro
e

apoderou
a

vovô
vo
do

ouro
de
ou

ouro
o

vovô
vo

o ouro
o ouro do vovô
o estrangeiro apoderou

2

ver
vê
de

roubado
r
roubar

ouro
ou
outro

brasil
brasileiro

vovô vê o ouro
vovô vê o roubo
vovô vê o outro

ô
vo
do

ê
ve
de

3

vovô
vo
Vo

vovô
vovô e o ouro
vovô vê o ouro

ouro
o
Ou

o ouro
o ouro e o roubo

apoderar
a
A

apoderou
apoderou do ouro

estrangeiro
e
E

o estrangeiro
o estrangeiro roubou
o ouro

brasil
brasileiro
b
B

o brasil é do vovô
o vovô é brasileiro

4

apoderar
pode
a

estrangeiro
ve
de

ouro
vo
do

Joba vê o ouro
Joba é do brasil
o ouro voa

Joba dava o ouro ao estrangeiro
o ouro é do vovô
Joba é brasileiro

o avô vê o ouro roubado

dava
voava

avô
voa

5

o avô viu o ouro da mina
o avô viu a mina
o ouro voava?
duvido
a mina é que voava

Joba ia ao brasil?
duvido
o avô ia ao brasil

o avô dava a mina ao Joba?
o avô dava o ouro ao Joba?
duvido

ia	oa	ai	iu	ou	eu
dia	voa	vai	viu	vou	deu

6

a lima é do vovô
como o limão
o dia é do vovô
como a terra
tudo é do vovô
vovô é brasileiro
o tatu é do vovô?
duvido
o tatu é do mato
o mato é do brasil

a	i	o	u	e
ta	ti	to	tu	te
ma	mi	mo	mu	me
la	li	lo	lu	le

7

Tito viu o tatu
Tito matou o tatu
ele levou o tatu à Ida
Ida viu o tatu
Ida viu o olho dele
o Tito teve medo do tatu!
duvido
o tatu teve medo de Tito
o mato tem medo de Tito
Tito mata

vovô mudou do mato e da mina
ele levou mala?
duvido
vovô levou dor
Joba ficou com a mina
Tito ficou com o mato
e os tatus

e	ou	a
medo	matou	tatu
ele	levou	muda
dele	mudou	mala

8

eu
seu
meu

o Tito me dá medo
Tito mata tatu

tatu
lua
tudo

Ida viu a lua
Tito viu a lua
ele viu a ave?
viu
ele matou a ave
ele mata tudo

eu vi
ele viu
eu vou
ele vai

o tolo viu a lua
ele viu a lua de dia
e teve medo
tudo dá medo ao tolo

9

sino
si
Si

o sino é da igreja
o sino soa ao meio-dia
o sino bateu
é meio-dia

novela
no
No

a novela é nova?
duvido
vovô virou vadio
Tito comeu o tatu
Joba guardando tutu
papai ficou vendo novela

10

o sino da vila soa ao meio-dia
vovô é da vila
a igreja é do povo da vila
Joba é da vila?
a vila tem de tudo

a
ai
ain
ainda

a vila ainda tem de tudo?
duvido
Joba levou o ouro
Tito levou o tatu
vovô virou vadio
o estrangeiro ficou com tudo

pai novo
vai povo

sino pato
sitio povo

novo sopa
novela soa

11

ponte
pon

Tito vai pela ponte
o pato vai pela ponte
Tito vê o pato
o pato vai para a panela

sapo
sa

o povo vai pela ponte
o sapo vai pela ponte
a ponte é de pau
Joba passa pela ponte?
duvido
Joba engole sapo
Joba levou o ouro do vovô ao estrangeiro

12

o dente do Otávio doía
Otávio sentia-se tonto
— Ai Ai! o meu dente!
o pai viu o menino e teve pena dele
na vila não tem dentista

tio Paulo ia ao monte
todo dia ele ia ao monte
tio Paulo ia ao monte pela ponte
o monte sumiu
a ponte caiu
tio Paulo morreu

o pai de Lina se sentia doente
ele se sentia tonto
Lina levou leite ao pai
o doente tomou o leite
e foi enterrado ao lado de tio Paulo

13

Pedro deu a empada à Nida
a empada é de galinha
a empada tem galinha?
duvido
Nida comeu ar

além do monte vê-se a nuvem
vê-se a linda nuvem
o vento vai levando a nuvem
e a lua vem vindo...
vem vindo...

14

vovô tem saudade do seu tempo
vovô pulava da ponte
vovô nadava sem medo
o tempo levou a ponte
deixou o medo

vovô nadava sem medo
o rio era claro
a ponte forte
tudo acabou
o rio está sujo
a ponte caiu no rio sujo

15

Antônio tem fome
Antônio tem uma faca
Ana tem um coco
Antônio tomou o coco de Ana

Antônio foi à mata
ele foi com sua faca
ele foi caçar tatu
Tito viu Antônio com sua faca
na mata de Tito Antônio não caça
Antônio voltou sem tatu e sem faca

Antônio ficou cansado
ele viu a cama na sala
deitou-se na cama
com fome e sem tatu

16

A anta anda no campo
a anta andando no capim
a anta comendo
a anta comendo capim
Tito viu a anta

vovô sem mina
vovô virou vadio
vovô sem fazer nada
vovô não tem o que comer

Tito tem a anta morta
Tito vende a anta no mercado
vovô não tem o que comer
vovô virou vadio
vovô não pode comprar a anta

17

o pinto piava piu... piu... piu...
o pinto sempre pia
piu... piu... piu...
lá vai o pinto piando
piu... piu. piu...
até virar galinha

a galinha pôs um ovo
o ovo virou um pinto
o pinto piava: piu... piu... piu...
pinto sempre pia
até virar galinha
ou galo

18

Ida foi à vila
na vila se vende pão
na vila se vende arroz
na vila se vende feijão
Ida levou pão à família
o dinheiro não deu para o arroz
o dinheiro não deu para o feijão
a família comeu só pão
esperando o outro dia para saquear a feira

Ida passeou pelo mato
viu um pássaro voando
ouviu o canto do pássaro
ela contou à família
— eu vi um lindo pássaro no mato
a família ficou com água na boca

19

as batatas estão na venda
as bananas estão na feira
a fome está na boca
os filhos estão na sala
os pais também estão na sala

meu filho ouviu o trovão
viu as nuvens
trabalhou mais apressado
ele é muito prudente

meu filho trabalha todo dia
e vovô?
vovô virou vadio
vovô nem vê mais uva

20

boca
bo
Bo

eu lavei as mãos e a boca
lavei as mãos com sabonete
não lavei a boca com sabonete

ele cansou-se trabalhando muito
é tempo de uns dias de descanso

quilo
qui
Qui

foi à quitanda e comprou um quilo de farinha
ele comprou também dois quilos de fubá

braço
bra
Bra

o filho do Antônio quebrou o braço
um moço levou-o ao seu pai
o pai encanou o braço quebrado
não tinha médico na vila

21

poço
moço

praça
caça

lição
nação

a professora dá a lição aos alunos
é lição interessante
os alunos aprendem bem as lições interessantes
aprendem todas as lições que a professora dá

o moço dá a lição à nação
é lição interessante
a nação aprende bem
as lições interessantes
aprender todas as lições que o moço dá

22

o rato rasgou o cobertor da Ida
Ida ficou triste porque o cobertor custou caro
o rato roeu o sapato de Tito
Tito levou o gato para pegar o rato
o rato ficou com medo do gato
o rato correu entrou num buraco
mas o buraco era mais embaixo

1. a lição do povo não tem erros
2. o povo está rindo na rua
3. não dê murro em ponta de faca

23

Lida e Ida andam na chuva
andam muito apressadas

a chuva cai sem parar
a chuva fará brotar a semente

povo que ronca não cai

u	a	i	o	e
chu	cha	chi	cho	che

24

a economia ficou na chuva
o moço correu para buscar a economia
ele escorregou na lama e caiu
e a economia?
a economia quebrou-se

na feira vendem-se correntes
o pai comprou uma corrente
os elos da corrente são fortes
cada elo é forte
por isso a corrente é forte

25

esta criança é filho do Ananias
ela é boa criança
é uma criança esperta

Pedrinho ouve o soldado:
cri... cri... cri...
Pedrinho pergunta:
— que é isso Ananias, meu pai?
— é um soldado Pedrinho, meu filho
— soldado come criança?
— não, meu filho o soldado não come criança. ele é muito pequeno
pergunta Pedrinho:
— como pode um bicho pequeno gritar tanto?

26

homem
Ho

em nossa cidade há um homem bom e trabalhador
ele é operário honrado
à tardinha ele volta para casa
encontra tudo em ordem
sua esposa cuida
muito bem da casa
este homem é muito feliz

o homem é calmo e está sempre bem humorado
ele é hospitaleiro
ele recebe todo mundo em sua casa bem arrumada

o operário ficou doente
ficou nove dias na porta do hospital
ele é bem humorado
o hospital tem horário certo
a comida vem bem na hora
no hospital usa-se de muita higiene

27

Juvenal é lavrador
Juvenal gosta de trabalhar ao ar livre
seu filho lhe deu um livro
o bom livro é amigo do homem
do homem que sabe ler
mas Juvenal é lavrador
Juvenal nunca foi à escola

28

o cruzeiro do sul tem cinco estrelas
elas formam uma cruz
como é linda essa cruz de estrelas!

Clara não sabia nada sobre sua nação
ela queria estudar
ela pediu à sua professora que a ajudasse
sua professora mostrou-lhe o mapa
— aqui está o Brasil, disse a professora
Brasília é a capital do Brasil
— agora sei de alguma coisa sobre o Brasil
sei que Brasília é a capital de minha pátria
disse Clara
continuava sem saber sobre sua nação

29

a bandeira do Brasil é verde amarela azul e branca
verde das matas que Tito tomou
amarela do ouro do vovô que o estrangeiro levou
a parte azul é redonda
sobre o azul aparecem estrelas brancas

Roberto está no exército
é soldado exemplar
em nosso país o povo não gosta de guerra

30

Antônio perdeu seu emprego
Antônio quer trabalhar
saiu procurando outro emprego
hoje vende cigarro a varejo no centro da cidade
ao lado do vovô, ex-dono da mina

Gabriel tem uma loja
os seus tecidos têm cores fixas
ele os vende a preço fixo?
duvido

31

será o trabalho amigo do homem?
ele mata a fome
mata o tempo também
mata muitos inimigos do homem
e muitos amigos também
será ele amigo do homem?
talvez, mas mata muitos homens também

32

já sei ler
já posso ler este livro
vale a pena ler livros
cada dia vou ler um pouco
vou escolher bons livros
vou aprender muita coisa
como estou satisfeito!
vou aprender por exemplo
que a pátria é o exílio da nação

CONCURSO
DE
POEMAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

Ilustração: Ana América Antunes Rezende

DISPERSOS

Pseudônimo: DORACY

Antônio Rodrigues Alves Júnior

DIREITO
Mestrado em Direito Constitucional

irene no céu com diamantes
(beatles e manuel bandeira andam conchavando)
você furtou meu sonho de valsa
e deixou um bilhete de consolação
agora sei que você prefere vivaldi a bach
desta vez eu prometo:
quando voltar ao caribe
mando de presente pra CIA
minha ácida ironia

Ilustração: Ana América Antunes Rezende

INVENTÁRIO

Pseudônimo: CORDÉLIA

Maria Esther Maciel de Oliveira
LETRAS
Doutorado em Literatura Comparada

Os homens que amei
deixaram-me lenços, bonecas
de porcelana, livros raros,
fotos do Che, folhas de chá,
violetas em xaxim.
Deixaram-me deuses, crises, rosas secas,
palhas sem tabaco, tacos de sinuca,
lendas, cacos de cristal.
Deixaram-me versos, versículos,
cartas, vinhos, faz-de-conta,
sutilezas
e silêncios de não-ser.

ALLEGRO

Pseudônimo: ANA MÃE

Denise Costa de Almeida
LETRAS

Teu
ventre
venta
forte
cintila
tremula
ardente
de
desejo

Teu
lábio
lambe
hábil
vibrante

tremente
cortante
de
desejo

Viajo
navego
velejo
no
teu
ventre

Te
olho
Te
molho
Te
mordo
Sou
macho
machuco
e gozo.

RL
revista literária

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

TEMPO E MODO

Plínio Carneiro

Me convém

a forma, o estilo
a hora, o encontro
a essência, a saudade
a noite, a partilha:
tudo em você me convém.

Pois:

há no mundo um novo amor
que acontece semanalmente.
Há em uma face um sorriso,
de festa, sem acre.
Há no homem um novo bem,
que dirige seus atos a uma aurora.

É aquela luz que se prometeu alcançar
na madrugada, ao meio dia, ao entardecer;
o astro, que se afigura agora
a seu lado — personalíssimo.

Há um significado novo em cada frase;
há uma diretiva única nas intenções.
É luz, ó aurora, é passo andado na noite,
lado a lado, peito em peito, boca em boca;
união de corpos, de mentes.

A isto chamamos, imprecisamente,
porém com firmeza:
Amor.
Palavra flácida,
simples união de letras
que não mostra a força
de um sentimento novo.

Agora,

a mesma lua que nos ilumina
ilumina nosso amor.
O mesmo tempo
e o mesmo mundo.

O tempo passou correndo
levantando a poeira
nesse mesmo chão.

Nada mudou: as casas,
os olhos nas janelas,
as bocas nas esquinas.

Quando a aragem levou o pó,

deixou apenas o
formato da cidade.

Mundo disperso no
pensamento que foge,
em câmara lenta.

Voltamos a ser jovens

Para viver os mesmos dias
no mesmo chão,
na agonia da mesma lua
que nos ilumina,
iluminando nosso amor.

FEITO FLOR

Tânia Diniz

Trepadeira
dama-da-noite
em cantos e muros
varandas e escuros
a vida enfeita
e perfuma

Germina e apruma
floresce desejos
corpos-deleite
buquês de beijos
morde ntes-de-leão

Verdegestação

Em lençóis d'água
alastra, propaga
carícia/folhagem
larga ramagem
cobrindo o leito
em arranjos
de amor-perfeito.
indecorosa
De /lírio.
Jas em im.
Eu,
jardim.

CURRAL DEL REI

Ronald Claver

I.

Era uma vez uma montanha que rodeava a cidade
A montanha era uma vez que rodeava a cidade
A montanha que rodeava a cidade era cada vez mais uma vez
Uma vez a montanha que rodeava a cidade já era

II.

Curral del Rei era o nome de Belo Horizonte
Um dia o Rei foi embora e o curral virou serra
A Serra do Curral tinha um horizonte belo
Os homens acharam que horizonte é palavra bonita
E multinacionalmente levaram o substantivo e a serra

III.

O trem que leva o minério de Minas para o Rio
É um trem igual aos outros e levam o minério
Um pouco da paisagem, do ar e da brisa
Um trem igual aos outros vai levando o minério
A paisagem, o ar, a brisa de fim de tarde
E um pouco do horizonte ainda belo

NÃO IMPORTA O CORAÇÃO

Ronald Claver

Não importa o rádio ligado
O som alto, a voz rouca
Não me importa se a lua está cheia
Minguante ou nova
Não importa a cerveja gelada
Teu olho triste, a voz amarga
Não, não importa nada
O que me importa é teu olho triste
A cerveja gelada, a luta nova ou minguante

CONTOS

A VOLTA DO CAMPEÃO

Luiz Vilela

Naquelas tardes quentes, sem ter o que fazer e cansado de ficar em casa, ele ia para a praça e sentava-se num banco. De fundo das rugas, contraídas pelo aborrecimento, os olhos acompanhavam sem interesse as pessoas e coisas que passavam. Até que, cansado disso também, ele se levantava e ia andando a esmo pelos terrenos baldios, de onde voltava já ao escurecer.

Foi numa dessas caminhadas que ele descobriu os meninos. Estavam num dos terrenos, reunidos em roda, e faziam algo que devia ser bem interessante, a julgar pela atenção em que se achavam. Foi chegando mais perto e viu o que era: estavam jogando tabela — as bilocas espalhadas numa grande extensão. E ao vê-las assim, ele sentiu de repente aquela emoção que tantas vezes sentira quando criança.

Os meninos, presos na expectativa, mal ligaram para a sua chegada, outro tanto acontecendo com ele que, colocado de maneira imprevista na mesma situação, esperava também, com ansiedade, o próximo lance, que um dos adversários — gorducho e claro — caprichava, medindo a distância e calculando a força; bateu enfim no tronco da árvore, e os olhos de todos acompanharam a biloca, que atravessou várias, passando rente, e afinal não acertou em nenhuma.

— Nossa! — exclamou um dos que assistiam.

Agora o outro — miudinho, de cabelo caindo nos olhos —, aliviado e de novo com a chance, caprichava mais ainda, levando a mão várias vezes ao tronco e não batendo, como se estivesse

certo de que aquela era a sua última chance — a última que cada vez um dos dois achava que fosse e que incrivelmente ia se prolongando, com as bilocas espalhadas por todo lado, o terreno cheio delas. Cuspiu, fez feitiço no tronco, levou a mão devagar atrás para bater. O homem mordia a unha — e quando viu a biloca corre de efeito e, sob novo espanto geral, parar a meio centímetro de outra, não pôde mais:

— Deixa eu jogar a próxima vez — pediu; e foi então que os meninos finalmente reconheceram sua presença.

Os dois do jogo, meio assustados com aquela inesperada intromissão, olhavam-no, examinando, antes de responderem qualquer coisa.

— Valendo? — o gorducho perguntou afinal.

— É — disse ele, seco para jogar.

Os dois examinando-o: não sabiam o que responder. Os outros acompanhavam em silêncio.

— O senhor sabe jogar? — perguntou o gorducho, desconfiado.

— Fui o maior campeão do meu tempo, menino.

A resposta mais do que satisfez, os olhos do gorducho brilharam de surpresa e admiração. Virou-se então para o outro, fingindo indiferença:

— Pode, Dudu?

Dudu, que já tirara suas conclusões — que o homem estava sacando, ou que, mesmo que fosse verdade, seria menos perigoso do que o adversário —, respondeu, no mesmo tom de calculada indiferença:

— Pode.

— Valendo, né?

— É.

— Todo mundo é testemunha — disse o gorducho, que, pelo jeito, o homem notou, não tinha mais nenhuma dúvida de que ele acertaria.

Ciente de sua responsabilidade e perturbado por aquele inesperado ressurgir de uma emoção que há quase cinqüenta

anos não sentia, ele não se preocupou de enfeitar a jogada, que justificaria o "maior campeão do meu tempo": fez apenas um cálculo meio rápido e bateu — e pá! a biloca acertou numa das primeiras. O gorducho gritou, a meninada explodiu: e ele foi tomado de um modo tão fulgurante por aquela antiga sensação de vitória, que por um instante só teve olhos para si próprio, para o menino que ele fora e era de novo naquele instante.

Só depois é que o adulto nele observou o outro, o que perdera, o que não estava participando da festa: quietinho, mudo, de mãos nos bolsos, Dudu olhava o gorducho catar as bilocas, ajudado pela turma. Sabia o que ele devia estar sentindo, sabia perfeitamente. Não usara nenhuma tática especial, desconhecida deles; apenas a sorte, que não tinha aparecido para os dois, aparecera finalmente para ele. Mas a circunstância o transformara num ser especial aos olhos dos meninos: lia isso nos olhos deles, lia isso profundamente, tanto no que ganhara quanto no que perdera.

O gorducho, que tinha uma voz rouca, engraçada, quase não conseguia falar de contentamento, os bolsos estufados com as bilocas — ah, os bolsos estufados com as bilocas: como revia e lembrava cada coisa... E quando o outro enfiou a mão no bolso, procurando, e trouxe-a só com duas bilocas, o modo como olhou para as duas na mão — ele não resistiu e teve um novo impulso:

— Vamos fazer o seguinte — parlamentou, usando de diplomacia: — eu joguei uma vez pra você, não é justo que eu não jogue uma vez pra ele também, você não acha?

O gorducho não achou muito. No miúdo um começo de alegria apareceu.

— Só se ele não quiser que eu jogue — virou-se para o miúdo. — Como é seu nome? Dudu, né? E o seu? — Voltou-se para o gorducho, era preciso ser diplomata.

O gorducho era Renato.

— Você concorda Renato? Você quer, Dudu?

Dudu queria. Renato concordou:

— Mas só uma, hem — avisou, com medo.

Dudu passou-lhe as duas bilocas. A meninada de novo na expectativa.

Renato bateu com força, a biloca espirrou para longe. Ele bateu, demonstrando uma certa displicência para tranqüilizar Dudu, que o olhava com toda a confiança. Renato bateu. Ele. As bilocas iam se espalhando. Pediu três de empréstimo; Dudu olhou-o meio aflito, mas ele, sem os outros verem, deu-lhe uma piscada animadora.

Outro empréstimo — cinco bilocas já, a banca só crescendo. E se ele perdesse? Começou a se preocupar. Preocupava-se por ele próprio e por Dudu, seu prestígio e a confiança do menino. Cada jogada sua recebia o dobro de atenção da platéia: seus mínimos gestos eram seguidos por aquela porção de olhos atentos. Mais preocupado com isso e de certo modo aguçado em sua vaidade, cedeu, como nos velhos tempos, a um repentino capricho, e, levando a mão atrás, bateu por baixo da perna. A sorte não o esquecera mesmo: acertou bem em cima de uma biloca, e a meninada veio abaixo — mas dessa vez houve protestos, Renato não queria aceitar:

— Assim não vale!

— Não vale por quê? — gritou Dudu, indo pegar as bilocas.

Renato correu na frente, outros meninos entraram, empurrões, começo de briga, ele veio para apaziguar:

— É preciso brigar por causa disso? Ninguém precisa brigar, a gente resolve as coisas é conversando, e não dando tapas e empurrões. Ponham as bilocas aí no chão, vamos conversar.

Os dois puseram, resmungando. A turma os tinha cercado, e cada um falava uma coisa, briga querendo começar entre eles também.

— Vocês aí! — espalhou, e eles se calaram.

Esperou que se fizesse silêncio completo.

— Por que você disse que não vale, Renato?

— O senhor jogou debaixo da perna.

— E isso não vale? No meu tempo valia.

— Você já jogou assim também — acusou Dudu.

— Mas nós não combinamos hoje.

— Tem que combinar?

— Tem.

— Tem nada.

— Tem.

— Tem o quê, sô!

— Tem.

— Tem, moço?

Gostou de ser chamado de moço.

— No meu tempo não tinha não. Combinar pra quê? É uma jogada muito mais difícil.

— Aí — disse Dudu.

— Mas não foi combinado — insistiu Renato.

Ele viu que não era possível um acordo.

— Vamos fazer o seguinte — resolveu, e olhou para a turminha ao redor: — vocês é que vão decidir.

— Claro que eles vão falar que não vale — disse Dudu, e ele viu o erro que cometera, prejudicando pela segunda vez o menino: a turma ali era quase toda de Renato.

Sem jeito para voltar atrás, tentou ainda:

— Mas vocês têm que ser honestos, falar a verdade; mentira não vale.

A advertência foi inútil — quase todos se mostraram escandalosamente a favor de Renato, e ele não teve outro jeito senão consolar Dudu, a quem a simpatia natural e o desenrolar das coisas o iam ligando mais.

— Deixa que nós recuperamos.

O "nós", talvez um pouco inadvertido, teve a força de uma separação de águas: estavam agora bem definidos os adversários, fosse qual fosse o caminhar do jogo e o final.

Ficou decidido que recomeçariam do início. Ele pegou as duas bilocas de volta.

E então o jogo prosseguiu, agora de modo mais emocionante, com uma tensão de guerra. Ao jogar a segunda, ele acertou, numa jogada bonita, o que serviu para levantar o moral do companheiro e para pôr apreensivos os adversários.

Uma nova banca foi se formando, já devia ter umas dez bilocas, ele estava com três de empréstimo. Em nenhum momento, desde que chegara ali, sentiu tão aflitiva a necessidade de ganhar. E de tal modo estava que, numa jogada duvidosa de Renato — um dos meninos disse que a biloca havia relado —, e inflamou a ponto de surpreender a ele próprio:

— Relou nada, menino! — esbravejou, e o coitado ficou murcho de medo; depois ele percebeu e procurou abrandar: — Relou?... — indagou aos outros.

Por incerteza mesmo, ou por medo, nenhum respondeu afirmativamente.

— Se relou, pode pegar — disse para Renato, magnânimo; — mas se não relou, é roubo.

Renato correspondeu:

— Relou não. Pode jogar.

Pediu mais três de empréstimo. Na terceira ele acertou, e teve tanta alegria, que gritou junto com o companheiro. Dudu foi logo recolher as bilocas. Ele devolveu as de empréstimo — ainda ficaram seis.

— Agora eu vou embora — disse Renato.

— Tá com medo? — Dudu provocou.

— Medo nada, é que tá ficando escuro e a Mamãe dana.

Estava mesmo ficando escuro.

— Quer continuar amanhã? — desafiou Dudu.

— Com ele? — Renato apontou, e todos olharam na sua direção, esperando que a resposta viesse dele próprio.

— Só vim ver vocês jogarem — ele respondeu; — não vou jogar mais.

— Por que o senhor não vem amanhã também? — pediu um da turma.

— Amanhã? É — disse, — quem sabe? Talvez eu venha...

Iria?... Fora ótimo. Descobriu que era um campeão ainda depois de quase cinqüenta anos, descobrir que conservava a mesma classe, sentia as mesmas emoções daquele tempo... A banca cheia, aquele momento entre o cálculo e a batida, e

depois a biloca passando entre as outras. E aquela jogada debaixo da perna — fora sensacional, a meninada vibrara.

Que havia feito de suas bilocas, ou que haviam feito delas? Decerto tinham sido dadas a alguém. Ou simplesmente foram se perdendo como tantas outras coisas de sua infância? Não conseguia se lembrar. Era uma coleção bacana, conseguida em muitas disputas, disputas marcadas por várias brigas. Uma coleção realmente bacana, com piocôs (lembrava-se principalmente daquele verdão listrado), piubinhas (aquela "miolo de pão"), buscadeiras, solteiras, leiteiras (e aquela que passara pela mão de todo mundo? era linda, com listas vermelhas, verdes, amarelas). Estranho que não lembrasse o que acontecera com as bilocas, pois tinha tanto amor a elas. E seus companheiros? Pudim, Altamiro, Edson... Altamiro e Edson tinham sumido do mapa, nunca mais os vira. Pudim era fazendeiro, de vez em quando se encontravam, mas nenhum dos dois nunca mais falara nas bilocas. Que diria Pudim, se passasse por ali e o visse jogando e fazendo proezas como antigamente? E se chamasse Pudim para jogarem de novo? Não tinha cabimento. Talvez nada daquilo tivesse cabimento.

Preferiu não contar à mulher. Mas ela notou:

— Você está com uma cara diferente; quê que você andou fazendo? Chegou mais tarde...

Ele sorriu, sem dizer nada.

Na manhã do dia seguinte estava sentado no alpendre, quando viu aquele menino parado na calçada; seu pensamento estava tão longe, que levou alguns segundos para reconhecê-lo: bobagem, era o seu companheiro da véspera.

— Vem cá, Dudu...

O menino deu mais uns passos, e não perdeu tempo:

— Quer ser meu sócio?

— Sócio? — ele sorriu, divertido e lisonjeado com a proposta. — Mas eu não tenho nenhuma biloca...

— Divido com você.

Ele escutou o barulho da mulher chegando na sala. Chamou o menino para irem para a praça; no caminho explicou que era sua mulher e que ela era meio implicada com menino.

— Por quê? — o menino quis saber.

— Mania — ele ergueu os ombros.

O menino achou graça.

— Então, você fica?

— Fica?...

— Meu sócio.

— Não posso, Dudu. Vocês são meninos, eu já sou um homem velho, não dá certo.

— Quê que tem?

— Quê que tem?...

— Se é por causa das bilocas, eu divido com você.

— Não é por causa disso.

— Por quê que é então?

O menino o olhava atento.

— Foi tão bom ontem...

— Bom? Eu quase fiz você perder as bilocas todas.

— Mas depois você ganhou. Uma hora você me ensina daquele jeito?

— Daquele jeito?...

— Debaixo da perna.

Ele sorriu, passou a mão na cabeça do menino.

— Como você me encontrou? Você sabia onde eu morava?...

— Eu fui perguntando.

— É? — tornou a sorrir, admirado da persistência do menino. — Você é um garoto inteligente, Dudu.

Dudu baixou os olhos, para logo em seguida levantá-los, numa última carga:

— Você então fica?

— Sócio?

— É.

— Faz assim: eu vou lá hoje de novo, e lá nós resolvemos, tá?

— Tá — os olhos brilharam. — Eu posso passar na sua casa pra gente ir junto? Não tem perigo da mulher do senhor ver, eu dou um assobio; um assobio asim — levou dois dedos

à boca, e um assobio agudo cortou a praça. — Aí você responde, e eu venho pra praça, e nós encontramos aqui. Você sabe assobiar?

— Claro — disse com displicência.

Será que ainda saberia mesmo? Ajeitou os dedos entre os lábios, puxou o ar e soprou — mas o assobio saiu chocho. O menino o olhou meio decepcionado.

— Dessa vez não aiu muito bom — se desculpou, — estou meio fora de forma; mas vou melhorando, pode ficar tranqüilo.

— Então até mais tarde — disse o menino, e foi caminhando de volta.

Lá pelo meio da praça parou, voltou-se e deu um assobio: ele respondeu, e dessa vez saiu melhor.

De tarde, no quarto, treinava o assobio. A mulher veio e ficou parada à porta, olhando-o — o médico e a filha já a haviam prevenido para as possíveis esquisitices dele após o derrame. De forma que ela não comentou nada, simplesmente perguntou por que ele assobiava.

— Não tenho nada que fazer: não é melhor assobiar do que não fazer nada?

Ela deu meia-volta e retornou à cozinha — mas de tarde, na ausência dele, comentaria com a filha pelo telefone: "Seu pai anda meio esquisito esses dias..."

As horas passaram, e o fim do dia foi chegando, numa ansiedade que crescia. E então escutou o assobio lá fora; poderia ter esperado no alpendre, mas ficou no quarto só para ter a oportunidade de responder — e dessa vez seu assobio foi perfeito, o treino dera resultado.

Encontraram-se na praça:

— O assobio agora foi bacana, hem — o menino comentou.

— Vamos pra lá?

— Vamos.

— E se eles acharem ruim eu ir?

— Acha não, já falei com o Renato. Sabe quê que ele falou? Que você é fichinha.

— Fichinha, né? — e sentiu-se provocado; — pois vou mostrar pra ele; olha aqui.

Enfiou a mão no bolso e tirou um saquinho de pano. Abriu: os olhos do menino se maravilharam.

— O senhor comprou?...

— Olha essa buscadeira.

— Nossa!...

— E essa solteira aqui?

— Que bacana!...

O menino não podia de contentamento.

— Puxa, não vai ter nem graça... O senhor comprou foi hoje?...

— Vamos mostrar pra eles quê que nós somos.

A turma esperava-os, e parecia ter aumentado — ele era uma atração. Cumprimentou-os, eles responderam alegres. Com medo de ser visto ali, perguntou se não havia um lugar mais escondido, inventou umas desculpas. Disseram que havia um, mais para baixo, nos fundos de um barracão. Foram para lá. Ali sim: ali podia mostrar com tranquilidade toda a sua categoria.

Mas não foi fácil. Aquele dia a sorte parecia estar do lado de Renato. Ele estava só perdendo.

Agora havia uma banca boa, tinha de ganhar aquela de qualquer jeito. "É a hora do piocô", pensou

— Piocô vale? — perguntou.

— Como? — Renato e os outros fizeram cara de estranheza.

— Piocô. Bolococô.

Eles riram.

— Não sabem quê que é piocô?... — também estava achando graça.

Ninguém sabia. Ele tirou do bolso.

— Ah, locão — disse Renato.

— Vocês falam é locão? No meu tempo era piocô; bolococô.

Riram de novo, estavam achando ótimo.

— Vale?

— Só se valer minha buscadeira de aço — Renato tirou uma esfera de aço do bolsinho e jogou-a para o ar com classe.

Consultou Dudu: Dudu disse que podia.

Ele jogou e teve sorte: o piocô acertou. Dudu recolheu a banca. Agora o jogo estava equilibrado — e assim continuou até que saíram, com o anoitecer. No dia seguinte voltariam para continuar.

O assobio lá fora veio mais cedo: não eram nem quatro horas. Respondeu e foi se encontrar com Dudu na praça.

— Você veio muito cedo hoje, sócio.

— Quero te mostrar uma coisa.

— Mostrar uma coisa?

— Nosso esconderijo.

— Esconderijo? Onde que é?

— No fundo do quintal lá de casa.

— Não dá certo — ele disse; — eu não conheço seus pais.

— É lá no fundo, ninguém vê a gente; a gente passa pela cerca.

— Cerca? Não é difícil passar?

Que impulso misterioso o levava a ir? Talvez aquela necessidade ainda de rever sua infância na infância de um outro menino. "Esconderijo" — a simples palavra evocava nele uma porção de lembranças. Como seria o daquele menino? Seria também uma lata com tampa, enterrada no chão, coberta de terra e camuflada com cisco? E quando o menino foi mostrar, e ele viu que era, sentiu-se comovido, seus olhos ficaram úmidos. O menino, observando-o, não podia compreender por que ele estava assim, mas sentiu-se tocado por sua emoção.

— Edmundo, você é meu melhor amigo — disse o menino.

— Não diga assim — e ele abraçou-o carinhosamente; — seu melhor amigo é seu pai.

— É nada; então por que ele não quis ser meu sócio?

— Decerto é porque ele é muito ocupado.

— Ocupado? Tem dia que ele fica dormindo até a hora do almoço.

Ele riu.

Os dois ficaram em silêncio, olhando para o chão, e naquele instante parecia não haver diferença de idade entre eles: era,

nos olhos, a mesma expressão de pura alegria diante da latinha enterrada, cheia de bilocas coloridas — um pequeno tesouro.

Ele então olhou as horas;

— São quase cinco, vamos para o barracão?

— Vamos.

Pegaram as bilocas.

— Nós vamos acabar com eles hoje, hem? — o menino já ia se entusiasmando.

— Não vamos deixar eles com nenhuma.

— Nem uma só pra contar a história, né?

Já não era Renato, era "eles", a turma, que, por sinal, parecia ter aumentado mais ainda aquele dia: sua fama corria. Começava a distinguir alguns rostos entre eles, outros não sabia se eram daquele dia ou se já tinham aparecido antes. Haviam limpado a área, tudo estava pronto para a batalha, que prometia ser sensacional.

Foi o seu dia de glória. Foi o ponto máximo da volta do campeão. Chegou mesmo a pensar que nem antigamente tivera uma atuação tão brilhante. Não houve jogada que não fizesse (dessa vez haviam combinado previamente que valeria tudo): de efeito, debaixo da perna, com a esquerda, de olhos fechados, de costas, de longe, e tudo ajudado por uma sorte escandalosa. A meninada delirava — pelo final, a metade havia passado para o seu lado, ele era um ídolo, um campeão como eles nunca tinham visto. Estava endiabrado, aquela mesma sensação antiga de que não era mais ele em tais momentos mas qualquer espírito que tomava conta dele, e então não havia adversário, não havia obstáculo, não havia nada que se pusesse em seu caminho. Estava fora de si, por mais que as conveniências da idade lembrassem-lhe que devia se controlar; gritava, ria, pulava, tudo numa festa só com a meninada. E naquele momento era impossível haver lugar para a compaixão, mesmo vendo que o adversário estava esmagado, quase chorando — guerra é guerra. Mas no fim até ele próprio, o adversário, cedia ante o esplendor de sua classe: "Você não erra mais nenhuma, assim não tem graça." Dudu já tinha bilocas enfiadas em tudo quanto era bolso, e ainda recebia a ajuda dos novos companheiros.

Renato estava com três de resto e não quis continuar. Mas a luta não terminara:

— Quero ver amanhã com o Dedinho — ameaçou.

Dedinho! O nome provocou um frêmito na turma.

Na volta para casa, ele quis saber quem que era Dedinho.

— É o sócio dele — contou Dudu, excitado com as emoções daquela tarde e temeroso do dia seguinte; — ninguém ganha dele.

— Ninguém?...

— Até hoje ninguém ganhou. Precisa ver ele jogar. Ele faz umas coisas esquisitas; ele tem um dedinho a mais, pendurado, acho que é por causa disso.

— Dedinho... — repetiu, percebendo a magia que cercava o nome. — Pois nós vamos ver...

Em casa encontrou a filha:

— Estava com os meninos? — ela perguntou.

— Que meninos? — ele respondeu com agressividade, sentindo-se descoberto, sentindo violado seu segredo.

— O senhor acha que todo mundo já não está sabendo, Papai?

— Bom — ele acabou de sentar-se: — e quê que tem isso?

A filha riu, carinhosa e repreensiva, um cigarro de filtro entre os dedos espichados.

— Tem cabimento uma coisa dessas, Papai?

A mulher arrumava a janta em silêncio, escutando.

— Pensa, o senhor na sua idade, uma pessoa de quase sessenta anos, brincando com uma meninada de nove, dez anos. Não faz sentido.

— E depois, também, há os outros — entrou a mulher: — eles podem falar.

— Falar o quê? — ele perguntou.

— Falar — disse a mulher.

— Se o senhor ainda...

— Puxa — ele se levantou de repente: — tanta conversa por causa de uma coisa dessas? Eu não vou mais, pronto, está resolvido.

As duas se olharam em silêncio, enquanto ele ia até a porta da cozinha e voltava:

— Esse pessoal tem é titica na cabeça — disse, com a respiração alterada. — Falar: deixa eles falarem; quê que eles têm com a minha vida?

As duas tornaram a se olhar.

— Por que não cuidam da vida deles e deixam a minha em paz? Hem? Por que não cuidam da vida deles?

— A gente está zelando pelo senhor, Pai.

— Zelando; sou por acaso algum inválido? Sou? Fique sabendo, menina, que eu tenho muito mais saúde do que vocês todos, incluindo o bostinha desse médico que vem aqui.

— Edmundo... — a mulher pôs a mão na boca.

— Bostinha sim; e ainda vem aqui pegar meu dinheiro e dizer pra vocês que eu não ando regulando bem; pensam que eu não escuto as conversas? Pois fique sabendo ele e vocês também que eu regulo muito mais do que vocês todos. Com minha idade e tudo o que eu passei, estou muito mais vivo do que vocês!

Ele ficou ofegando.

— Zelando... — riu sarcástico; — vocês querem é que eu vá morrendo aos poucos. Morrendo cada dia um pouco mais; morrendo lentamente...

— O senhor acha que é isso o que a gente quer, Papai?

— É isso o que vocês estão fazendo comigo. Mas podem ficar tranqüilas: eu não vou mais lá nos meninos. Não é isso o que vocês querem? Então podem ficar tranqüilas, eu não vou mais; vou ficar o dia inteiro aqui dentro dessa casa.

— Papai, escuta: vamos conversar direitinho.

— Não quero mais conversar — ele disse, e saiu da copa.

RÉQUIEM

Luís Gonzaga Vieira

A gente olhava e via que as pessoas, estavam cheias de vida. Pelo menos, parecia que não se preocupavam com nada, a não ser trabalhar durante a semana e descansar sábados, domingos e feriados. A morte existia, mas ninguém queria pensar nisso, nem mesmo como condição de ir para o céu. E a gente, por exemplo, pensava nisso neuroticamente, doentiamente. As crianças brincavam com uma tranqüilidade espantosa. Pelo menos, era desse modo que a gente via. A gente via a aparência, não podia penetrar no íntimo de ninguém. Nem mesmo o rosto e os olhos podiam revelar nada, como se a gente usasse máscara a vida toda (vida trágica, portanto). No buteco então, as pessoas tanto mais riam, discutiam e berravam quanto mais bebiam chope e cachaça. E a julgar pelo que diziam, estavam todos muito bem de vida. Havia até os que contavam vantagens: moravam em apartamento modesto, mas diziam que tinham terreno, casa alugada. Por que então não vendiam tudo e iam morar em lugar melhor? A gente via como as pessoas gostavam de contar vantagens: quanto mais pobres e ignorantes, mais arrotavam importância, era um modo de fugir do anonimato, acreditar-se alguém. Ninguém confessava que estava em dificuldades: como se não existissem pobres no país e, muito menos, miseráveis. Todos pensando levar vantagem em tudo. Assim como os homens, as mulheres também riam e falavam muito, passavam o tempo cuidando dos filhos, toda hora se intrometendo na vida dos filhos e discutindo filosoféias domésticas. Os adolescentes, principalmente, riam mais que todos, de

qualquer assunto, eram vegetais sadios que ainda não tinham idade para pensar em excrescências como morte, suicídio, desemprego, neurose, depressão. Por sinal que seria tétrico ficarem pensando em coisas desse tipo, que eram próprias para coroas e velhos, que apenas esperavam a hora do ataque final. A gente, gente,por exemplo, era coroa de 53 anos (completaria em julho) e já não tinha medo mas pavor de doenças e dores, mais do que de velhice. O presente era aqui e agora, o futuro era a próxima semana, no máximo. A gente olhava a natureza, e era como se ela estivesse rindo o tempo todo, pelo menos quando não havia nuvens e o céu estava azul, o verde descansando a vista. De modo que até mesmo a notícia de que o homem estava trucidando a terra, ficava distante, assim como se procurava afastar um pesadelo, a mãe morrendo de coração e o filho se atirando no mar da ponte Rio-Niterói. Era até obscena a tranqüilidade com que as pessoas pegavam o ônibus, como se não houvesse nada mais natural no mundo que pegar ônibus na Estrada dos Bandeirantes 8325, e chegar até Cascadura no ônibus 757. As bichas então eram extrovertidas, suspirosas, lânguidas: brincavam umas com as outras, se tocavam, davam tapinhas uma na outra, jogavam olhares lúbricos para os homens por quem se interessavam, combinavam encontros e o preço, bebiam chope, só de vez em quando apresentavam cara aborrecida, entendiada. Ninguém falava em aids, assim como só se falava rapidamente na morte de algum parente próximo, principalmente mãe. Era como se aids só desse em artistas de cinema, teatro, televisão, cantores, gente assim que, segundo o povão, gostava de tóxicos e não distinguia entre homem e mulher, todos loucos ou excêntricos. A gente via que a vida estava bem presente, por isso sentia a iminência de um colapso, próprio para pessoas com mais de 50 anos de idade. Em última análise, a gente não queria ofender ninguém, mas ofendia bastante, e até gravemente: a vida da gente era um modo de ofender os outros, assim como os outros eram um modo de alertar a gente. A gente pensava em falta de sorte, com o mesmo desânimo com que procurava um amigo com a lanterna. Talvez fosse o chamado peso da idade, a gente não sabia. A gente pensava

constantemente nos outros, mas depois via que estava pensando mais era em si mesmo, nos próprios interesses. Os próprios interesses eram tão mais acentuados quanto a dor que a gente sentia e que não podia transferir para ninguém. Quando uma dor era pequena, a gente tinha mania de dizer que não era dor mas incômodo. Mas o médico disse que não interessava se a dor era pequena ou grande, pois era dor do mesmo jeito. A gente via o modo profissional como os médicos tratavam os pacientes, como se tratassem de dores e não de seres humanos, como se a dor nada tivesse a ver com o resto do corpo e do mundo. Era como se a cabeça da gente estivesse avisando que poderia acontecer alguma coisa a qualquer hora, apesar do corpo ainda ser saudável (aparentemente, pelo menos). A gente ficava sensibilizado até mesmo diante da capacidade de uma criança chorar e berrar para que fosse atendida pela mãe ou pela empregada: a voz enganiçada da criança, o pulmão forte, toda a vida resumida nela mesma, nada sendo mais importante que seus desejos, sua vontade. A criança girava em torno de si mesma, garantida pelos pais. A gente via o mundo como num desfile, tristezas de um lado, alegrias de outro, indiferenças. A gente via a maioria de jovens enfeitando as ruas, e pensava em flores enfeitando túmulos, assim como os jovens sentiam cheiro de cemitério ou de mofo quando um velho passava se arrastando, ou fedendo naftalina. Jovem era vida, vida, velho era ameaça, decomposição. A gente olhava da janela e via movimento como em cinema (panorama, **travelling**), mas sem nada premeditado, as coisas acontecendo aleatoriamente. Nenhum **close-up**. A gente tanto estava olhando como estava sendo olhado, sujeito e objeto ao mesmo tempo. A gente pensava que era tão único como se o mundo fosse acabar quando a gente morresse, mas a autocrítica da gente era forçada a reconhecer que o mundo continuaria do mesmo modo, não importando a morte deste ou daquele, nem mesmo a morte de todos (um asteróide que destruisse a terra, destruindo também toda presunção). Na verdade, o mundo não dependia de seres humanos para existir, o ser humano é que dependia do mundo. Eu era um sentimento muito arraigado mas, em última análise, isso não queria dizer nada, assim como

elefante com tromba e girafa com pescoço grande também não queriam dizer nada, nesse sentido em que um fato é um fato e pronto. A gente via que a criação da alma imortal tinha a finalidade de aliviar a insignificância do ser humano diante do universo, desse modo: se sou aleijão, uso muletas; se sou contingente, invento o necessário. A gente ouvia a música americana que outros ouviam, com a mesma indiferença. Como quando perguntaram ao jovem o que ele achara da banda de rock norte-americana e o jovem dissera que não ouviu nada mas que estava ótimo. Cada idade se drogava de um modo, o velho acusava a droga do jovem e o jovem acusava a droga do velho. Cada um escolhia o próprio ópio, pois era asim mesmo que se sobrevivia. A gente sentia a morte desse modo: não há escapatória, é definitivo, ninguém pode fazer nada por ninguém, a solidão é absoluta. A gente estava desgastado, não estava triste nem alegre nem nada, não conseguia nem chorar porque achava inútil, exteriorizava-se de outras formas. O latido do cachorro, por exemplo, era apenas latido de cachorro, ou era a capacidade do ouvido de receber sons, assim como a boca era capaz de arrotar. A música no rádio do vizinho como que acentuava certa irrealidade, certo instantâneo. A gente saia dessa irrealidade como se levasse um choque, mas se acostumava logo e, com o tempo, até gostava. A gente não sabia o que mais era: sádico ou masoquista, ou sadomasoquista. A gente ficava parado, olhando a vida passar como se fosse retardado. Mas a gente não era retardado, era apenas contemplativo, inútil. Ou filósofo, como diziam os amigos brincando. Uma contemplação que absolutamente não dava lucro algum, já que a gente não entendia direito para que servia "riqueza interior" se o exterior estava minado, assim como não entendia pra que interessava ser brilhante se estava com tumor no cérebro, ou condenado pela aids. A gente realmente fazia muito drama, lamentava-se muito, era uma espécie de câncer da natureza. A gente pensava que os chamados bens materiais eram o fundamento dos bens espirituais, nesse sentido em que o corpo é a realidade do espírito, como dizia Gasset. Indiferente a tudo, o sol brilhava no outono, a gente sentia menos calor (inclusive calor humano) e as pessoas con-

tinuavam rindo até da própria miséria, assistindo futebol e apreciando as mulheres, desse modo como dava água na boca quando se preparava para comer filé com fritas, um prato muito apreciado pelos nativos de Minas. Ao contemplar um rosto bonito de criança, a gente ficava comovido principalmente com a fragilidade daquele corpo e com a inconsciência dessa fragilidade. A gente assistia o espetáculo do país e do mundo, e também fazia parte desse espetáculo como simples figurante. A gente acusava os outros de tudo, e era como se estivesse acusando a si mesmo: era bem mais fácil e prático condenar os outros do que a si mesmo. E ninguém tinha mais condescendência pela gente do que a gente mesmo. Quanto menos a pessoa era, mais se acreditava centro do universo e de tudo. No entanto, centro era apenas uma palavra criada na cabeça dos homens. O homem criava as coisas, depois dizia que essas coisas o haviam criado. O homem estava obcecado por explicações, mas que não explicavam nada, apenas confundiam. Por exemplo: medir o imensurável era como cachorro tentando morder o próprio rabo. O outono apontava o inverno, assim como a vida confirmava a morte. Obviamente, sem vida não havia possibilidade de morte. Mas a morte não existia, já que era ausência: não existia morte, mas ausência de vida. Ou como dizia a filosofia tomista, segundo Josephus Gredt, **mors est amissio vitae.** E a vida confirmava que morte de verdade era a velhice, quando a gente não tinha mais vitalidade e ainda não era ausente. A gente temia o velho assim como temia a morte. Pra gente, velho era pessoa de 30 anos. Depois a gente também foi ficando velho, e então velho pra gente era pessoa de 40, 50 anos. Agora que a gente estava com 53 anos (completaria em julho), velho pra gente era 60, 70 anos. Como a mãe da gente, que tinha 85 anos (também completaria em julho) e que estava com o coração fraco. De acordo com o médico, ela tanto poderia morrer hoje como no ano que vem. E não podia ser operada por causa da idade. Se a gente tivesse chegado ao 70 ou 80 anos, diria que se sente como um "garoto" de 50. Se a gente já estivesse esclerosado, diria que se sente como se tivesse 20. A gente tinha medo de morrer, a gente tinha mais medo era de não aceitar a morte, a gente tinha

muito medo de não suportar dores violentas. Ter consciência de tudo não era uma dor violenta? Mas a gente pensava em dores físicas e não mentais. Além de inútil, a gente se sentia egoista, e ficava triste. Ou procurava tratar o próprio egoismo com carinho, sem egotismo. Se a gente ficasse louco, sentiria menos dores, em tese. Se a gente se chamasse José, se tivesse cabelos na cabeça, se aplicasse no mercado financeiro, se não fosse escritor, se não fosse deste mundo, se não tivesse saído de Minas nem do útero materno, se não tivesse se exilado no Rio, alguma outra coisa estaria acontecendo com a gente. Mas nada acontecia. E a gente não tinha nenhum sentimento de culpa, pelo contrário, continuava gostando de mulher mesmo quando broxava. O céu ali, tão azul como que feito apenas para ser apreciado e comover (a gente não pensava na camada de ozônio que estava sendo destruída aos poucos, nem na poluição geral que contaminava a terra). A lua tão cheia e tão pacífica, tão luminosa. As estrelas que brilhavam de tão longe, de lugares inacessíveis até mesmo à imaginação da gente. A "medida" do universo pouco tinha a ver com as medidas humanas, a desproporção era brutal, apesar de toda aproximação. A familiaridade que os olhos tinham com o infinito do universo, como espécie de sonho fantástico. Todo esse infinito, e toda nossa finitude e fragilidade. Micrômegas. Então a gente tomava cachaça e cerveja bem devagar, como num ritual antigo, como se estivesse bebendo com os olhos, e procurava esquecer que a gente era a gente mesmo e que tinha esse vício solitário de pensar o universo. Desse modo: o mundo desmoronava ao nosso redor, e a gente pensava, contemplava. No dia seguinte a gente recomeçava tudo de novo, como se estivesse vivendo seus últimos momentos: uma melodia que apontasse outra melodia, sucessivamente, em fuga, infinita. Porque já não havia mais vida e sim uma infinidade de momentos, cada um mais premente que o outro. Por incrível que pareça, não havia mais passado, e o futuro (presente) era o instante. Como se a gente se sentisse mera cobaia do universo, e sem ficar revoltado com isso, assim como não ficava revoltado de ter apenas este corpo com lordose e nenhum outro, esta careca, este rosto enrugado, esta timidez, esta visão (ou evasão) de

mundo. A gente não podia nada contra o fato de ser, mesmo assim esperneava, ou tinha acessos feito epilético. Nada resolvia nada, mas a gente esperneava assim mesmo. O tempo também não resolvia nada, apenas liquidava o problema, no mesmo estilo com que a morte liquidava a vida, com que a vida se esgotava. A gente ficava emocionado e surpreso vendo que a morte não perdoava nem mesmo os seres humanos que a gente admirava. Um sopro de tuberculose e pronto, estava terminado o espetáculo. Empresários e industriais não pensavam nada parecido, apenas enriqueciam sua pessoa física e jurídica, preocupados não exatamente com o país mas com lucros maiores e e despesas menores. Afinal, eram homens de negócios acima de tudo, só se preocupavam com relações humanas se lucrassem com isso. Eram pesoas práticas e objetivas, que podiam até não ter moral, mas que tinham dinheiro, poder e prestígio e, portanto, gozavam de imunidades. Por sinal que no capitalismo ocidental cristão (e no capitalismo selvagem brasileiro) ninguém estava preocupado em **ser**, mas em **ter**, também porque **ser** não dava lucro e era ocupação de sonhadores. Os empresários viviam com o pé na terra, os trabalhadores assalariados também, tanto que pensavam não exatamente no país mas na própria sobrevivência. Queriam todos era conservar os próprios privilégios, independente da situação dos outros. Não que odiassem os outros, em absoluto, apenas não os levavam em consideração. Só se interessavam realmente pela família, amigos, colegas (seu grupo), já que os outros não eram próximos mas distantes. Como se preocupar com pessoas de quem nunca tiveram notícia e que mais pareciam abstação? O dinheiro não tinha ideologia, não tomava partido. A gente tinha mania de pensar em socialismo como sinônimo de democracia, mas tudo na base da literatura, da ficção. Considerava socialismo uma utopia como qualquer outra, assim como considerava fraternidade humana como a última esperança que morria. Enquanto houvesse ser humano, haveria esperança de fraternidade? Ou tudo não passaria de jogo mental, de justificativa diante da carnificina? Amor ao próximo também literatura. De certo modo, a gente não amava nem a si mesmo, apenas se suportava satisfatoriamente. E amor entre

amantes a gente achava que era um bom jogo de interesses. Nunca na vida a gente conseguiu dizer: gosto muito de mim. Na praia, pelo menos, era como se nada mais existisse a não ser alegria, descontração, felicidade, prazer. Nem mesmo os pivetes conseguiam perturbar a paz dos domingos na praia, pelo contrário, ajudavam a compor essa paisagem humana em que tudo estava bem explícito. As pessoas viviam desse modo: sempre haverá pobres, mas nenhum miserável vai impedir que eu goze a vida. Quanto aos miseráveis, viviam desse modo: não adianta ser rico se acaba todo mundo na horizontal. As pessoas religiosas falavam na vontade de Deus e em seus desígnios. A gente pensava em Schubert e se emocionava: o músico morreu moço, sempre precisando de dinheiro e reconhecimento pelo seu talento, tímido, não declarava seu amor por nenhuma mulher, e admirava Beethoven profundamente. Então a gente, que sempre admirou Beethoven e Schubert, pensava que artista era uma espécie de condenação, pois sentia e percebia demais as coisas, por isso ficava perturbado, ou se comportava de modo diferente da maioria. (A Sinfonia Inacabada de Schubert, por exemplo. A Sonata ao Luar de Beethoven. A profundeza dos sentimentos.) O mínimo que se dizia de um artista: esquisito, estranho. Mas a gente considerava todos os artistas como irmãos, principalmente músicos, por cuja música a gente sentia uma afinidade total. Em última análise, a gente se considerava melancólico e depressivo por causa do comportamento dos outros e por causa do próprio comportamento, os atritos que nasciam disso. A gente também via pessoas que pareciam felizes e realizadas, e não sabia como essas pessoas conseguiram chegar a esse ponto. Eram felizes ou estavam apenas aparentando, representando? De vez em quando a gente ria, várias vezes sentia-se satisfeito, e chorava quando ouvia música erudita, ficava emocionado quando ouvia música popular brasileira. Nada resolvia nada, era verdade, mas tudo servia para ajudar em alguma coisa, ou pelo menos para se manter em pé, dando a impressão de que a gente ainda estava vivo e até lúcido, mesmo quando cometia o último gesto. A gente saía na rua e se misturava com os outros para pensar menos em si mesmo, para sentir-se atraído

por uma multidão de imagens, para se distrair de si mesmo. Mas não ficava muito tempo perto dos outros porque sentia falta do próprio isolamento, daquele silêncio em torno de si mesmo: o estado natural da gente era solidão, principalmente solidão de espírito, a gente passava horas e horas ruminando a paisagem, e até se assustava quando a mulher entrava no escritório, ele tinha medo que ela o surpreendesse em sua hora final. Primavera, verão, outono, inverno. Como se dissesse: morte, juízo, inferno, paraíso. A cadência das palavras agradava. A gente era ateu, mas gostava de todas as lendas religiosas como criação literária. O ser humano até que era imaginativo, mesmo levando-se em consideração que a gente era suspeito porque também era ser humano. A mulher da gente não tinha religião, a mãe da gente era católica, o universo era indiferente, ou seja, ninguém podia contaminar o universo com palavras, pelo contrário, as palavras é que estavam emaranhadas de universo. Cristianismo, islamismo, budismo, hinduísmo, ateísmo. Ocidente, oriente. Cada cabeça com seu ponto de referência. Ou como dizia Gasset: eu e minhas circunstâncias. Eu e aquele que a gente chamava de irmãos, contanto que não chegassem muito perto nem criassem maior intimidade, para evitar atritos. Era assim: quanto mais as pessoas se conheciam, mais se agrediam. Tudo era agressão, maior ou menor. A praia, pelo menos, estava ótima no feriado de segunda-feira: água fresca, limpa, mar pouco agitado, céu quase sem nuvens e o ventinho de sempre. A gente achava agradável ver o corpo jovem das mulheres com seus biquinis tão reduzidos mas que poderiam ser menores ainda até chegar ao nudismo (nudismo era espécie de verdade absoluta). Todos descontraídos, conversando, brincando, comendo, bebendo, comemorando o sol, sugando o instante. E a gente procedendo do mesmo jeito, bronzeando a pele e os pensamentos, preparando-se para morrer higienicamente. De vez em quando a gente até sentia extravagâncias desse tipo: está quase na hora de morrer. Mas logo se esquecia da extravagância e continuava saboreando as mulheres com os olhos, como se aquele instante demorasse toda uma eternidade (a eternidade dura uma fração de segundos, alertava o poeta). Você está sempre com a cara ótima, dizia o amigo

pra gente. Na verdade, o amigo só podia ver a cara, não podia ver o íntimo, a gente não se revelava pra ninguém, nem pra gente mesmo, então as pessoas só podiam ver a cara da gente que, segundo o amigo, estava ótima. A gente vivia mais dentro de si mesmo do que fora, se corroia. Então as pessoas julgavam a gente pela cara, que era o único fato visível. Está quase na hora, a gente repetia para si mesmo, com aquela pose de estóico. Até que, segundos antes de morrer, a gente escreveu estas palavras: vivendo e aprendendo. 1936/1989.

DEZ/ENCONTROS

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

Na adolescência praticava o sexo solitário e pensava no amor. A cada orgasmo, perturbado pelo medo do monólogo proibido, sonhava com a liberdade. No quarto ao lado, os pais tinham pesadelos com o futuro da filha. O futuro e a liberdade vieram em forma de casamento: vestido de noiva, igreja, véu, padre, grinalda e flor de laranjeira. Os pais sorriam, aliviados, com a certeza do dever cumprido. Deram-lhe, prendas universitárias e formação doméstica. Ela sorria, vitoriosa. Agora era livre e não precisaria fazer sexo consigo mesma. Aos vinte e cinco anos, a liberdade estava consolidada. O marido sofreu a maior decepção quando teve certeza de que ela estava inevitavelmente alforriada. Ele tentou de todas as formas amenizar-lhe a liberdade, mas ela continuava cada vez mais livre. Do marido não queria nem o sobrenome e nem o talão de cheques, só o amor. Tinha profissão liberal, conta bancária, CPF próprio, carro próprio, partido próprio, candidato próprio, e até idéias impróprias para o gosto do marido e da família. A mãe, de vez em quando se perguntava onde é que falhara. Afinal o comportamento da filha não refletia a educação que lhe dera. O pai aconselhou-a a largar o emprego em troca de uma ajuda financeira mensal. O marido usou de argumentos físicos e abusou de violência verbal, mas ela não entendia que ele só queria transformá-la em uma rainha: rainha-do-lar. Quando a conheceu, ficara encantado com a mulher moderna, segura e independente. Pensou na inveja que os amigos teriam quando a exibisse para eles. No entanto, acreditava que ela seria capaz de viver os dois papéis prescritos pela modernidade,

mulher moderna e esposa dedicada. Afinal toda mulher é prisioneira dos fantasmas das mães, das avós, das bisavós... Paciente, ele fazia uso dos recursos que dispunha. Uma cara fechada um dia, ameaça de separação no outro... Passou o fim de semana na casa de um amigo e algumas madrugadas em bares da moda, sempre acompanhado dos amigos fiéis. Nada adiantava, ela continuava cada vez mais ousada. Chegara ao ponto de retribuir-lhe, em público, as grossuras que ele fazia com ela. Se ele saía com os amigos para tomar uma cerveja nas noites de sexta-feira, ela saía com os colegas de trabalho e ia para outro bar. Nem sempre chegava em casa antes dele. Os amigos morriam de dó ao vê-lo tão humilhado. Na roda que eles freqüentavam ela era a única a se comportar daquela forma. Era muito atrevimento. Um dia ele desistiu de fazê-la feliz e como castigo confiscou-lhe o sexo. Ela não merecia mais ser premiada. Não houve negociação. A decisão foi unilateral e ela nada pôde fazer contra a abstinência compulsória. Pagava o preço pela agressão de ser livre nas minas gerais. E ela voltou ao sexo solitário, sonhando com um príncipe encantante. Na maturidade dos trinta anos, filhos saudáveis, marido provedor, nada lhe faltava, só o amor. Fez um pacto consigo mesma. Abriria mão do amor e buscaria pelo menos o sexo. Sexo era fundamental. Tudo o que queria era um sócio para se alimentar de sexo. Não precisava haver paixão, aliás era necessário que não houvesse. Um dia apareceu um pretendente a amante. Um filósofo, dez anos mais velho, que se encantou com sua cabeça. Mas ele só conseguiu penetrar no mundo das idéias. Ela não quis mais vê-lo e, de despedida, deu-lhe um livro de contos eróticos. Depois apareceu outro, dez anos mais novo. O primeiro e único encontro foi no carro dela. Estacionou o carro em um mirante e enquanto olhavam a cidade miniaturizada, o garoto se encolhia desajeitado, emudecido, assustado, como um menino pego roubando frutas no quintal do vizinho. Ela percebeu que sua liberdade o ameaçava e pegou-lhe as mãos. Ele abaixou os olhos e disse que tinha medo de não poder dar a ela tudo o que ela merecia. Ela disse que queria apenas sexo e ele respondeu que não tinha certeza se conseguiria. Ela ficou calada e ele disse que não queria vê-la triste.

Ilustração: Beatriz Mourão

Ela aproximou-se mais e ele deu-lhe 1/4 de beijo, 1/2 abraço e um adeus de corpo inteiro. E outros apareceram... Alguns pediram um tempo, outros nada pediram, mas todos fugiram. Os que insistiram não aceitavam os limites da liberdade da parceira. Houve um que exigiu que ela abandonasse o marido, mas ele permaneceria com a esposa, outro foi descartado pelo estilo egoísta de fazer sexo, outro porque exigia que ela elogiasse seu desempenho de macho incompetente, e outro porque só tinha tesão se ela ficasse caladinha. Um colega de trabalho ficou com ela até perder as esperanças de conseguir uma promoção e um outro a confundia com o Banco 24 Horas, estava sempre precisando de um dinheiro emprest/dado. Aos quarenta, ela resolveu se dar o máximo de prazer. Pegou o carro, comprou uns livros, foi até uma agência dos correios, telefonou para um garoto de programa e foi para um motel de luxo. O menino assistiu um filme pornô e esforçou-se para superar o galã do vídeo. Deu um show de sexo, vendendo-lhe todo o prazer de um amante profissional. Depois de pago, foi embora. Ela tomou um banho de espuma, enxugou o corpo prazerosamente, vestiu um lindo robe de seda estampada, deu um tiro no ouvido e mergulhou no orgasmo da morte em busca do último encontro.

Ao lado do corpo de uma mulher bonita, encontrada morta em um motel de luxo, havia um bilhete dentro de um livro de Sérgio Sant'Anna, na primeira página do conto, **"Romeu e Julieta"**. O bilhete era lacônico e trazia apenas uma pergunta — **"Por quê os homens não gostam de mulheres livres?"**

No dia seguinte todos os ex-amantes receberam pelo correio a mesma pergunta dentro de livros de Clarice, Virgínia, Lygia... O marido recebeu o conto **"I love my husband"** de Nélida Piñon.

A FILA

Magda Velloso Fernandes de Tolentino

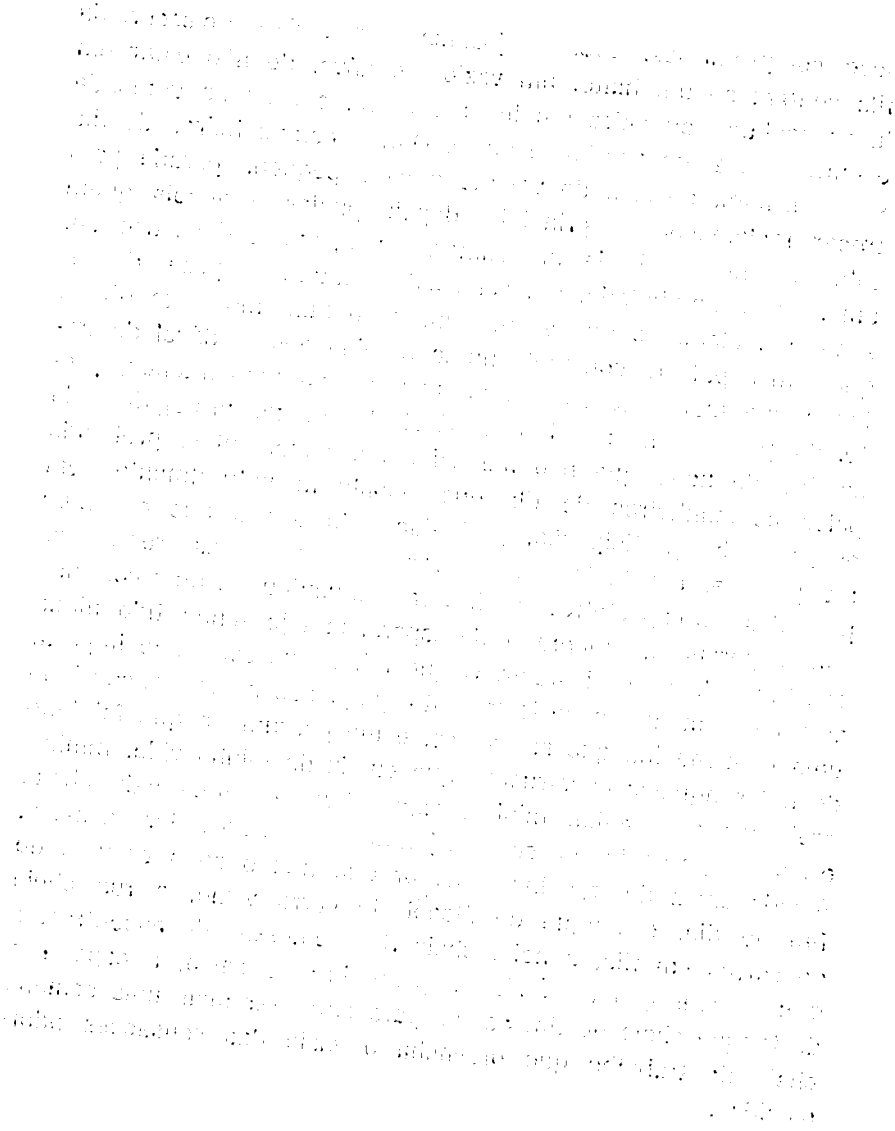
E eis-me aqui, na fila do álcool. O indicador do tanque do meu Fiat ainda não desceu por completo, mas não se pode perder a chance de completá-lo. Afinal, não se sabe se amanhã vai haver a oportunidade. Costumes são maleáveis — mudam de acordo com as necessidades sociais e operacionais. Aprendi a controlar a aflição característica da falta de tempo, do correr a 80 Km para chegar ao destino, seja ele o trabalho com a mesa empilhada de papéis a despachar, seja a casa com o almoço a terminar ou no fim da tarde um banho e um filme no vídeo, quando outros compromissos não exigem uma nova saída.

Estou até aprendendo a relaxar na fila do álcool. Acho que esse aprendizado começou há três noites atrás, quando o sol já se punha no momento em que tomei meu lugar. Havia um livro na pasta, como sempre há. Mas não havia mais luz do dia suficiente. Por sorte, ou por costume, tinha uma fita de músicas calmas, que rodava de um lado e de outro enquanto os carros se movimentavam lentamente em direção à bomba de abastecimento. Rádio, nem pensar. Não tenho paciência para escutar a Hora do Brasil por mais de dez minutos. E de repente a máquina do pensamento se põe a rodar com tanta intensidade que nem mesmo a música registra como um contínuo, só vem como sons esparsos em intervalos bruscos. O anoitecer traz agudamente a sensação de tempos passados. Como na época da rua Aristóteles Caldeira, no fim do dia de trabalho, o ônibus apinhado no centro e só eu e mais uns quatro passageiros no fim da

linha. A passar pelas casas no momento do acender de luzes, o barulho de talheres a tinir num jantar, a sensação de famílias reunidas e o aconchego dos momentos de estar junto, e o visualizar a minha criação de um lar meu, família minha, o sentimento a encher o peito, a doer de expectativa, meu próprio ciclo familiar já insuficiente para preencher essas ansiedades, e as **casas simples, com cadeiras na calçada, e na faixada escrito em cima que é um lar, e aí me dá uma inveja dessa gente...** e a penumbra do carro trazendo a vívida sensação de angústia do saber, após ter vivido todas as experiências desejadas, que a plenitude ficou na fantasia, a família pode estar reunida em volta da mesa de jantar com os talheres tinindo e estar camuflando seus conflitos, ou os levantando em altos brados, sem garantia de tê-los resolvido só por ter esgotado as súplicas, os gritos e as agressões por aquela vez. Mas no escuro da fila do álcool esses conflitos estão tão distantes, tudo que fica é aquela sensação de vazio, e novamente ameaça crescer a expectativa com uma vida que já se encontra a meio caminho, mas que nem por isso está acabada. Muita aceitação sim. A aceitação de ter renunciado à fantasia, ou mesmo de ter reconhecido onde estava essa fantasia: o reconhecimento do que é concreto e válido, o que fica muito vago quando se iniciam as comparações. O filho do outro que está sempre em encrencas, seja num acidente de carro ou numa briga de rua; um outro com todas suas realizações profissionais, o carro zero quilômetros periodicamente; o desajustado com a vida, que desliga uma tomada automática na cabeça e deixa aflorar suas tendências esquizofrênicas numa fuga inútil ao enfrentar do dia-a-dia; e a minha ausência de tragédia, mas paralelamente minha ausência de camaradagem, de uma visão comum, e a necessidade de batalhar cada escolha, cada encruzilhada, cada decisão — completa na minha solidão de indivíduo, tendo que lutar por cada milímetro de eu.

A morosidade da fila também me leva a aceitar o momento de reflexão, a parada no corre-corre do dia, esse corre-corre que esconde, ou preenche, os vazios do sentir e dá sentido a um novo amanhecer. **When the dawn comes, today will be a memory too, and a new day will begin...** O novo dia vai começar com novo corre-corre,

novos compromissos, novos desejos, novas aceitações. E o escuro da fila contém só um hiato, um vazio agradável de não estar em lugar nenhum, ou entre um lugar e outro, entre uma demanda e outra, entre um conflito e outro. Outros companheiros de fila se enturmam, descem do volante a cada pequena parada para trocar reclamações a princípio, depois piadas e depois quem sabe mesmo o início de uma camaradagem, um telefone trocado, um negócio entabulado, um conhecido comum. E apesar de ser sempre o elemento que segura um papo num momento difícil, que tem a palavra constante numa reunião desagradável de trabalho, me mantenho isolada no meu casulo momentâneo, protegida pelo argumento tão razoável do atrazo, protegida pela sombra da noite que não me exige posicionamentos, protegida pelos companheiros de fila que socializam naturalmente sem exigir minha participação, protegida pelo tempo que o tempo me permite, um hiato entre o reconhecimento das frustrações passadas e a expectativa das frustrações vindouras, num contínuo sem esperanças, embora a desesperança não tenha tido ainda oportunidade de se instalar. O que foi, o que será, não importa aqui neste momento de isolamento, pequenas nuvens encobrindo uma pequena lua que se esboça, e me pergunto o que foi feito de todas aquelas construções que eu fiz da minha vida, minhas projeções de família, minhas expectativas de uma vida cheia, o aconchego da luz da sala de jantar e todos ao redor da mesa. A vida cheia de trabalho redentor que traz o sono exausto do fim do dia, o tanque de álcool do carro vazio, a rua cheia de carros em fila, a noite cheia de promessas de encontros, a grande sensação de vazio na penumbra do carro, a esperança do tanque cheio no fim da fila para enfrentar mais uma semana cheia de trabalho que preencha o vazio das sensações adormecidas.



ENSAIOS

A FESTA DE BABETTE

MENU

Chef

CÉSAR NARDELLI CAMBRAIA

(Trabalho apresentado no curso de Graduação em Letras "Análise do Discurso — Literatura e Cinema", ministrado no 1º semestre de 1990, pela Profª Vera Lúcia Casa Nova)

COUVERT OS TEXTOS

Texto literário e texto fílmico: discursos construídos mediante significantes por cujo tecido perpassam significados. Perpassam, não per-manecem: os significantes (palavras, imagens e planos) se substituem formando redes que prendem o leitor/espectador. Toda leitura (do texto literário/fílmico) estabelece um processo de significação: um ato de criação —

"No princípio era o Verbo. E o Verbo se fez Signo (σημεῖον), e habitou entre nós" ("Man is a sign — Peirce").

HORS D'OEUVRE MARTINE E PHILIPPA

Martine e Philippa: filhas/corporificações da palavra do deão. Os nomes já permitem que se perceba essa identidade, pois eles foram escolhidos "em homenagem a Martinho Lutero e seu amigo Philip Melanchton" — articuladores da Reforma, criadores da Igreja Protestante.

Ambas representavam parte do corpo/discurso do deão"... as filhas representavam suas mãos direita e esquerda. "Ligavam-se a seu pai seduzidas pelo próprio (discurso) cujas palavras/olhares prometiam a "Nova Jerusalém" — espaço onde o desejo de completude seria realizado (as partes se unem formando o Todo — o retorno ao andrógino platônico).

A satisfação desse desejo/falta é uma ilusão, mas isso não importa: o importante é o gozo, fruto desse desejar. As filhas cantam na igreja e se alienam (gozam) no seu desejo — desejo de completude, desejo de estar em Deus.

PIÈCE DE RESISTANCE TECIDO DE SIGNIFICANTES

Atente-se primeiramente ao fato de a comunidade que habitava a cidade de Berlevaag era um grupo social organizado. Assim, havia uma lei, uma ordem à qual os habitantes estavam sujeitos. Esta ordem é fundamentalmente de cunho religioso, na medida em que é baseado no discurso religioso (na crença de seus dogmas) que o grupo vai se organizar: este é o fator de coesão do grupo.

Esse fator de coesão está fundamentado na crença em Deus e em seu filho Jesus Cristo. É a palavra de Deus que vai orientar as atitudes de cada um da comunidade. Jesus é o filho de Deus, logo pode ser encarado como uma continuação da palavra de Deus. O pastor/deão é o porta-voz da palavra de Deus e de Jesus na comunidade. Note-se, desde já, que Deus, Jesus e o pastor estão em um mesmo eixo cujo traço principal é ser representação/encarnação do fator de coesão do grupo.

Com a morte do pastor, só resta um retrato do mesmo e suas palavras/filhas. Entretanto, as mesmas não tiveram sucesso na função de manter a ordem/coesão do grupo já que, a partir de certo momento, parecia-lhes que "a discórdia e a dissenção estivessem sendo semeadas em meio ao seu rebanho. (...) Era como se o vigor excelente e afável da personalidade do pai delas [as filhas/palavras] estivesse se evaporando..." o significado (fator de coesão) escapa ao significante, o discurso se esvazia.

É Babette quem vai re-instaurar o significado nas palavras do deão através do "vrai dîner français" para comemorar o centenário do mesmo: os significantes ganham um novo sabor/significado. Durante o jantar operar-se-á, primeiramente, uma inversão na estrutura da ordem anteriormente vigente, na medida em que, de acordo com as leis daquela religião, dever-se-ia renunciar aos prazeres deste mundo (tal como o prazer vindo dos sentidos) e o que se passou durante o jantar foi a mais intensa valorização do paladar (todos saborearam a comida). Entretanto, essa inversão torna-se uma subversão pois a ordem anterior é reestabelecida, mas com um novo elemento (o prazer do paladar, a permissão de prazeres terrestres) que vai restituir a união ao grupo e reforçar a crença na palavra de Deus: ao fim da ceia, todos saem para fora da casa e cantam hinos de louvor a Deus — Aleluia!

Se se fizer então uma comparação entre o texto literário e o fílmico, notar-se-á que o deslizamento do fator de coesão pelos significantes fica implícito no primeiro texto, mas no segundo, isto fica bem expresso em suas imagens e planos. Atente-se então, ao momento em que o deão celebra a missa, pois nessas imagens pode-se notar que ele está no centro da imagem e, exatamente acima dele, está uma imagem de Jesus Crucificado. Deus, Jesus e o deão aparecem verticalmente no mesmo eixo. Após a morte do deão, resta apenas o seu retrato na parede. Quando Babette vai guardar o seu dinheiro ganho na loteria, ela o guarda em uma caixinha (que está no primeiro plano) e esta está exatamente abaixo do retrato do deão (que está no segundo plano). O dinheiro, que também passa a ocupar o eixo, vai ser metamorfoseado em uma ceia (os itens da ceia foram comprados como esse dinheiro). Assim é representado, através dessas imagens, o deslizamento do fator de coesão do grupo pelos significantes através de um eixo vertical, partindo de Deus e passando por Jesus, o deão, o dinheiro até chegar na própria ceia. No sentido desse vetor (vertical para baixo) está simbolizado a re-instauração da ordem (subvertida) que permitirá a seus seguidores um prazer anteriormente negado: o prazer dos sentidos. O paraíso torna-se mais próximo:

"— As estrelas chegaram mais perto — disse Philippa.
— Chegarão todas as noites — disse Martine,..."

É interessante notar também que o "vrais dîner français" pode ser relacionado com a Santa Ceia. Quantos são os convidados?

"Também foram avisar a Babette que agora seriam doze à mesa do jantar,..."

Ora, mas não havia treze durante a Santa Ceia? Claro, e treze também há durante o jantar. Quem seria o 13º convidado? Babette? Não, ela esteve o tempo todo na cozinha. O 13º convidado esteve o tempo todo à mesa, ou melhor, sobre a mesa. Le-voilà: a própria comida. Assim como Jesus era quem presidia a Santa Ceia, é a comida que é o elemento em torno do qual o jantar vai ocorrer. Outro elemento que confirma a relação entre o jantar e a Santa Ceia é o procedimento do General Loewenhielm: ele trai (mesmo sem saber) o trato previamente feito entre Martine e os outros do grupo, de não sentir o gosto da comida ou comentar sobre a mesma. Tal como Judas que traiu Jesus denunciando-o aos romanos.

DESSERT O PRAZER DA CEIA/O PRAZER DO TEXTO

A ceia/texto provê o comensal/leitor de um prazer: o prazer da significação, o prazer do viver. SIGNIFICO, ERGO SVM

NOTAS

Todas as citações referentes ao texto literário d'A FESTA DE BABETTE foram extraídas de:

DINESEN, Isak. A festa de Babette e outras anedotas do destino. Ed. Record.

As imagens citadas foram extraídas do filme:

A FESTA DE BABETTE (Babette's Feast, Dinamarca, 1988). Direção de Gabriel Axel.

QUERELLE

muito além de qualquer princípio

MÁRCIO VENÍCIO BARBOSA

(Trabalho apresentado no curso de Graduação em Letras "Análise do Discurso — Literatura e Cinema", ministrado no 1º semestre de 1990, pela Profª Vera Lúcia Casa Nova)

Não passava de um jogo sem seriedade. Dois homens fortes e sorridentes. Sendo que um, sem preocupação, sem fazer drama, dava ao outro seu cu.

GENET

I

O nome

A palavra querela, em latim, significava queixa, queixume; repreensão, exprobação; acusação, queixa em juízo; inscrição fúnebre, epitáfio; cantilena de ama de leite; gritos de animais (o mugido, o berrar, roncar, grunhir, ladrar, o coaxar, etc.); canto das aves; som da flauta, dor física. Todos esses significados encontram ressonância em Querelle, mas, além disso, há também o sentido atual da palavra, tanto em francês como em português, de disputa, briga.

O que determinará este trabalho, porém, é o devaneio fonético que o nome permite: "Quêrir", do francês, **buscar**, verbo atualmente empregado apenas no infinitivo; **elle**, pronome pessoal feminino singular do francês.

II

A busca

Na rua Samarine, eu seguia na contra-corrente do rio humano. Tive a sensação (nada de erótico) de que tinham todos um pau e que todos esses paus, no ritmo de meus passos, se enfileiravam como um objeto manufaturado que em cadência se destaca do molde. Nesse fluxo, mas vestida com o mesmo tecido rugoso, com as mesmas cores, com os mesmos farrapos, de tempos em tempos, uma carência de pau.

BARTHES

O espaço de Querelle é eminentemente masculino. "Mar, marée, bateau...", onde todos são homens fortes, detentores do todo-poderoso falo. A narrativa se constrói no sentido mais estrito da palavra homossexualismo: todos têm o mesmo sexo. O homem está livre de ser mulher. Querelle afirma o tempo todo que não é bicha. E não é... É apenas um homem que gosta de ser "enrabado".

Há, porém, a falta. Na profusão de falos que se disputam como numa luta de espadas, todos procuram se encaixar na falta, sem reduzir a narrativa e os próprios personagens ao maniqueísmo do protótipo.

III

Elle

Quero vê-la, sem pejo, sem receios, Os braços nus, o dorso nu, os seios, Nus... toda nua, da cabeça aos pés!

RAIMUNDO CORREIA

Lysianne. Não a dona do La Féria, não uma mulher da noite. Apenas a Mulher. A falta simbolizada. Um personagem que se sobrepõe aos outros, completando o poder do falo.

Ela é a falta que se faz um prêmio ao vencedor nos dados da sedução. O prêmio que Querelle recusa ao trapacear, buscando ocupar o seu lugar na cama de Nonô. Ele não a quis como prêmio, mas quis o seu lugar. Não quis a falta, mas o falo que a preenchia. Isto não o afasta da busca, ao contrário, o põe frente a frente a Lysianne, que terá mais tarde sem a disputa dos dados.

Haverá apenas a disputa com Robert.
Num jogo ainda, mas de espelhos, um duplo do outro disputará Lysianne. Não para ter a mulher, mas para ser o detentor do desejo do outro.

Dura lex...

Ce qui désigne la passion est un halo de mort.

BATAILLE

A paixão de Querelle por Mário. A paixão pelo poder explícito, pelo ornamento do falo. No jogo de seduzir Mário, Nonô é o pretexto, até mesmo o pré-texto. É o relato da trepada com Nonô que excita Mário e Querelle, habilmente, retarda a consumação do ato até que a dura lei de Mário o obrigue a entregar-se.

Pela primeira vez Querelle beijou um homem na boca. Para ele, foi como beijar-se a si mesmo.

A carne do outro aparece dura e fria como uma imagem, revelando o toque de Thanatos por trás do espelho.

Pequena ou grande a morte se intromete entre as bocas dos dois homens, separando o que é real do que é real, deixando apenas a impressão do mesmo...

IV

Each man kills the thing he loves...

La possession de l'être aimé ne signifie pas la mort, au contraie, mais la mort est engagée dans sa recherche.

BATAILLE

Matar. O prazer sádico de dar ao outro todo o gozo.
Matar. O prazer calmo de afastar de si a própria morte.
Matar. Dar ao outro o gozo e prosseguir na busca.
Matar. Apenas para continuar amando...

O conflito de Querelle: como comer? Como enfrentar Gil com seu falo, ele que gosta de atrair os falos com o logro da falta? Pela primeira vez Querelle ama, sente que deve proteger Gil, o reflexo de Robert. Para protegê-lo e penetrá-lo ao mesmo tempo, Querelle o envia para a morte, para os braços fortes da lei de Mário. Lysianne faz o refrão que ecoa no La Féria: todo homem mata o que ama, mas, para Querelle, a morte é a única forma de possuir...

V

Vide

Observo sem cessar os jovens, desejando de imediato estar apaixonado por eles. Qual será para mim o espetáculo do mundo?

BARTHES

Querelle, o jogador. Querelle, o ladrão. Querelle, o assassino. O homem sem sua "porção mulher", sem ser super. O homem que, excluindo tudo, fica só sem seus jogos, seus amores assassinados, seus espelhos quebrados...

Toda a fortaleza de músculos de cadáveres empilhados se desmancha. Ele está só, com o único homem que o consola. Seblon, aquele que sempre desprezou. Aquele que foi o pai e que ainda oferece proteção. Ele buscou a falta, mas a falta o encontrou. De novo "mar, marée, bateau...", o retorno ao mer/mère nos braços de Seblon, no seio do navio. Falta. Mas sempre um porto cruza o caminho de um barco...

O marujo deixava-se ir para trás, apoiando-se com força no peito de Norbert.
— Tô te machucando?
— Não, continua assim.

INTERTEXTOS

Querelle de papel. Querelle de Brad Davis
Querelle de celulose. Aqui, Querelle do meu imaginário, montado com a ajuda de:

JEAN GENET: Querelle
FASSBINDER: Querelle de Brest

CHICO BUARQUE DE HOLANDA: Joana Francesa
GEORGES BATAILLE: L'érotisme
LÚCIA CASTELLO BRANCO: Eros travestido
RAIMUNDO CORREIA: Plena nudez
ROLAND BARTHES: Incidentes
SANTOS SARAIVA: Diccionario latino-portuguez
GILBERTO GIL: Super-homem, a canção

A mestra VERA CASA NOVA

P.S.: Este trabalho
também é uma falta...

RL

revista literária

RESENHA

Em vinte e três concursos, a estatística da RL está assim:

ESTATISTICA RL				
ANOS	ESTUDANTES	TRABALHOS RECEBIDOS		
		CONTOS	POEMAS	TOTAL
1966	61	18	198	255
1967	102	57	146	164
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	352
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	238	382
1974	269	172	478	650
1975	92	96	230	326
1976	76	57	275	332
1977	140	108	515	623
1978	77	54	295	340
1979	123	90	560	650
1980	185	159	720	879
1981	126	84	530	614
1982	123	54	545	599
1983	107	80	403	483
1986	96	30	429	459
1987	66	52	240	292
1988	139	75	585	660
1989	159	95	643	738
1990	158	97	648	745
TOTAL	2854	1953	8783	10736

23º CONCURSO DE CONTOS E POEMAS - 1990

A relação dos 745 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos é a seguinte:

POEMAS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01 —	Artefato	Aladinho
	Navegando	
	Exergípcio	
	Alquimia	
	Maduro	
02 —	Um sonho verde	Alegna Ariesep
	Ser eterno e imortal	
	Encontro marcado	
	És feliz?	
	Aos candidatos	
03 —	Sem título I	Ana
	Sem título II	
	Atestado	
	Sempre-vivas	
	Preto e branco	
04 —	Allegro	Ana Mãe
	Intermezzo	
	Lamento de loba	
	Diário de bordo	
	Vem que tem quero ventre	
05 —	Câncer	Ana Sol
	Essência Cósmica	
	Habitantes do Escuro	
	Tragédia em dois atos	
	As duas faces do sentido	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
06 —	Solar	Andante
	Marcas de gás	
	Sem título	
	Partindo	
	Sem volta	
07 —	Os teus olhos	Andarilho
	Pedaços	
	Carpe diem	
	Desencanto	
	Viagem	
08 —	Sem título I	Andeas
	Sem título II	
	Sem título III	
	Sem título IV	
	Sem título V	
09 —	Dustin	Andrew Carnegie
	Reeve	
	Torso	
	Havana	
	Ciccone	
10 —	O ciúme feminino	Anfilóphio
	Rosa	
	O barqueiro	
	O silêncio	
	Natureza morta	
11 —	Lágrimas	Apollo Dantes
	Mais um dia (sem você)	
	Amante místico	
	Desejo ardente	
	Ana	
12 —	Alma dos loucos	Ariana
	Momento	
	amalgAMAR	
	Ode picassiana	
	Carma-carnaval	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
13 —	A janela Octaedro Percebe-se o tempo Se estivesse morto As gavetas	Assunção
14 —	1º movimento: Violino - larghetto appassionato 2º movimento: Voz - andante cantabile 3º movimento: Piano - adagio sostenuto 4º movimento: Flauta - allegro scherzando 5º movimento: Percussão - allegro assai, con fuoco	Ar em Ondas
15 —	Angústia I Autômatos Angústia II Arma branca Ciranda	Asa Branca
16 —	O velho e o menino Mãe e filha Poemas Bondade de Deus Escultura	Augusto Lonida
18 —	Opus - parte I Poema nº I Sala de visitas New wave - parte I Poema nº 2	O Aulico
19 —	Eu, que amo Grito Nós. Dois que serão tudo Você surgiu A intensa glória que nos abriu à magia de amar	Azul

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
20 —	Alma empenada	B. de Bruna
	Porto facultativo	
	Datilomancia	
	Meio quilo de poesia	
	Em outras palavras	
21 —	Duna	Brisa
	Acaso	
	Rima	
	O que em mim...	
	Efêmero	
22 —	Ficção	Bruno Albuquerque
	Muros tupiniquins	
	Só um poema	
	Olhares sobre viventes	
	Coragem de ser livre	
23 —	Se setembro chegar	Caco
	Bela adormecida	
	Poema vítreo	
	Poema em pedaços	
	Espera	
24 —	Gaia	Calíope
	Femear	
	Poema sem título	
	Poema do amor tresloucado	
	Curuminha	
25 —	Dançante	Catavento
	Impressões de uma caminhada - XII	
	Tamara Karsavina - dos baletts russos	
	Promenade	
	Método empresarial - I	
26 —	Falando loucamente de um tema, às vezes, irreverente	Cavaleiro Solitário em busca de Justiça
	Solidão: nunca mais outra vez	
	Vai-e-vem (pós-alegria de viver)	
	Ódio	
	Alegria de viver	

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
27 —	Inventário	Cordélia
	Ritual	
	Anjo exterminador	
	Eclipse	
	Pacto	
28 —	Sonhos fantásticos	Crismol
	O homem	
	Esquecer	
	O jogo	
	Instantes	
29 —	Nunca escrever poesias à mulher amada	Cubo
	Nunca escrever poesias à mulher amada	
	Nunca escrever poesias à mulher amada	
	Nunca escrever poesias à mulher amada	
	Se possível, não amar a mulher amada	
30 —	Estudo nº 6	Cururuaçu
	Menestrel	
	Estudo nº 2	
	O poeta	
	Na sala	
31 —	Tango	Dagui
	Círculo	
	Elegia	
	Festa	
	Cidadão	
32 —	O ser cabo-verdiano	Delpe
	Metamorfoses - I	
	Esperança - II	
	Brava	
	Vida	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
33 —	O vôo do pássaro	Devaneiros Etc e Tal
	Trânsito	
	Signos	
	Prisão	
	Supremo suspiro	
34 —	Dispersos	Doracy
	Imitação do Propércio e de Ernesto	
	Cardenal	
	Germinal	
	Francisco de Assis e eu	
	Poema de uma única face	
35 —	Quatro versos	Doriangray
	Pecado	
	História sem fim	
	Sem título I	
	Sem título II	
36 —	Devaneios I - desejo infantil	Drim-Drim
	Devaneios II - ausência	
	Devaneios III - sentido: o culto	
	Devaneios IV - olhar soturno	
	Devaneios V - sôfrego amanhecer	
37 —	Mundo breve	Drum
	Lágrimas de nanquim	
	O sétimo dia	
	Desilusão	
	O vazio	
38 —	Paisagens da ausência	Drummond Bandeira
	O aprendiz de notas graves	Pessoa
	Notícias do país de dentro	
	A obra e o obreiro	
	Meu anjo mal	
39 —	Sem título I	Duende Beatrix
	Sem título II	
	Sem título III	
	Sem título IV	
	Sem título V	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
40 —	Verde & vida	Duyo
	Soneto da memória	
	Soneto do abandono	
	Amor vadio	
	Corpo	
41 —	Retorno	Edinha
	Primeiro desejo	
	Estado cardíaco	
	Emoção	
	A noite e você	
42 —	Gênese	Emília Ramalho
	Doce casulo de amor	
	Poesia	
	Poesia	
	Deuses e deusas	
	Aguardando a redenção	
43 —	Sonhos	Érico Amaral
	A gota do verbo	
	Um ser	
	Asas da liberdade	
44 —	Sonho	Esperança
	Caminho	
	Eu em mim	
	Solidão	
	Explosão suicida	
45 —	Do tronco a raiz	Estela Garcia
	Apenas um sonho	
	Morte mulher	
	Você tão só	
	Teu olhar	
46 —	Sobre os sentimentos ausentes	Etim
	Construção I	
	A alquimia do verbo	
	Eternidade	
	Sonho	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
47 —	População carente	Ezequiela
	Preciso colher as flores	
	Desvairada	
	Guinada	
	Luzes do parque de diversões	
48 —	A Liter Ação	Fanho
	Mutação	
	Poema molhado	
	Bilhete	
	Vagares	
49 —	Instante	Fernando Drummond da Silva
	Aquele copo	
	Amo	
	Um poema	
	Olhar estóico	
50 —	Vida de morte	Fernando Tavares
	Cristo Mendes	
	Louco em descoberto	
	Sãos	
	O errante	
51 —	Ilha humana	Filisteu
	Beco	
	Na igreja de São José	
	Sem esperança	
	Passeata pela escola pública	
52 —	Milagres	Flaidêncio
	Aqui e agora	
	Travessia noturna	
53 —	Versos	Frodo Baggins
	Monstros	
	Figura	
	Palavras	
	Lugarejo	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
54 —	Boiadeiro	Gabi
	Medo	
	Adolescência	
	Para voltar a ser criança	
	Sonho	
55 —	Pérola	Gala
	Tempestade	
	Nodiurno	
	Extase	
	Rotação	
56 —	Nostalgia	Gang Roses
	Jogando com as palavras	
	O pensador	
	Gramática	
	Dantes, Cervantes ou Capuletos	
57 —	De como a princesa Somaprabhã respondeu ao rei, seu pai, mediante os três pretendentes	Gradiva
	Trama	
	Delírios de Carl Jung	
	Exílio	
	Conselho chinês	
58 —	Remissão	Guta Campos
	Caminhoneiro-nauta	
	Alma	
	Desencanto	
	Loucura	
59 —	Temor e tremor	H. Groyotá
	Frature bem, meu martelo	
	Sem nada	
	Anjo peço, me traga em mãos	
	Gaivotas	
60 —	O primeiro beijo	Half
	Triste cantiga do décimo quinto andar	
	As arestas do vidro encravado na carne	
	Cenas do cotidiano	
	Simetria	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
61 —	Da pintura de Fantin-Latour	Herbert Quain
	A Antonin Artaud	
	Tributo a Borges	
	A propósito de duas fábulas de K.	
	Hamleitura	
62 —	Liberdade	Hitchcock
	Certeza	
	Contra o pudor	
	O "BELO"	
	Essências da esperança	
63 —	Epigrama I	Hor
	Tédio	
	Silêncio	
	Ingredientes	
	O prisma fosco	
64 —	A bagagem	Hugo Fusco
	A família	
	A guerra	
	A mesa	
	Traumas	
65 —	Mãe	Igor Lacrasse
	Pedras	
	Urnas e Pinicos	
	Pensamentos	
	A vaca	
66 —	Definição	Jambo
	Aceitação	
	Morte e solidão	
	O corredor	
	Visões	
67 —	Mandela	Laita
	Sem terra	
	Donzela	
	Tarefa	
	Enviver	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
68 —	Quase	Langkröte
	Sou meio	
	O poeta (II)	
	O futuro	
	A batalha	
69 —	Inexistível	Liaza
	Preguiça	
	Marcanada	
	Blecaute	
	Vivante	
70 —	O rosa	Liebeh
	O feitiço de Áquila	
	Gregos	
	A outra sombra	
	O anjo de espadas	
71 —	A horta da casa com mirante	Lilith
	Infância	
	Definição	
	Ser-cerebração	
	Quem dera, quem dera	
72 —	Deus	Lis Lislie
	Revelação	
	Apelo	
	Amar-quase-perfeito	
	Desejo	
73 —	Confissões de um paradoxo vivo	Longo Trecho em
	Metades diferentes	Declive
	O fim do boêmio	
	O estupro	
	Desintegração	
74 —	Sem título I	Luci Ferri
	Sem título II	
	Sem título III	
	Sem título IV	
	Sem título V	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
75 —	Cantos selvagens de amor e medo I Cantos selvagens de amor e medo II Ser mulher O vazio da dor Cantos de amor e ódio	Luna
76 —	Sonata em dor maior 1º movimento - Viagem de carne 2º movimento - Ranger dos dentes 3º movimento - Rondéis Terminal (movimento final)	Madona
77 —	O alejado Compor Angústia poética Dilacerado Busca	Mão de Seda
78 —	O mar está morrendo A árvore da sabedoria Nas matas virgens Pensamento vago Maravilhas da existência	Marcus
79 —	Espelho Criança-mistério Cadê? Crianças brincando de roda Imobilidade	Mária Adan
80 —	Envelhecer Trabalhadores, olhem! Liberdade Compensação Meretrício	Mariana Sanches
81 —	Alguém A magia de poder dançar Sabedoria de um velho mago Sem título I Sem título II	Maroca

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
82 —	Ponte Nova Psique Tarde demais Alberto Salustiano Borges - eu te resgato Poema possível	Marta Araújo
83 —	Refrações Filosofia poética Roda d'água Retrato do amanhã $E = M.C^2$	Metafísico
84 —	Cuidado com o abismo Visão concreta da bomba Poema espiral Sem espaço Coragem!	Mônica Maia
85 —	Obsessão Desilusão Desejo Fantasias Lembranças	Narciso
86 —	Essência Cálice Marias... Con-tradição Fantasmas	Natan
87 —	Poema duro Noite de festa Mais um dia A vida é vida Vendaval Outra noite	Nau de Oliveira
88 —	Pausa Poesia Tela Reminiscência O poeta	Negligência

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
89 —	Minas	Negro
	Um pouco beat	
	Ano Novo	
	Encanto	
	Signos	
90 —	Algo de novo	Nívea
	OBS	
	Ser	
	Sou eu	
	Poema dançado	
91 —	Soluções baratas	Nobody
	Concreto armado	
	Brusca poesia de morte	
	Made in Japan	
	O de sempre	
92 —	Poema da rosa	Oluap Sotar
	Gira ao sol	
	Canção da América Latina	
	Anacronia Humana	
	Anti-geração	
93 —	A bio-físico-química artístico-evolutiva do novo átomo poético	Otto Palhares de Todos os Lugares da Silva
	Retrato poético	
	A minha poesia	
	A vida na opinião de alguns de seus protagonistas	
	Pobres meninas de cabelos pretos e lisos	
	Seca cega	
94 —	Chora criança	Passarim
	Poeminha do Jeca	
	Perdão à fofoqueira	
	Estação	
	Canção para uma andorinha	

Nº	TÍTULO	PSEUDÓNIMO
95 —	Sem título I	Pau no Gato
	Sem título II	
	Sem título III	
	Sem título IV	
	Sem título V	
96 —	Oral	Paulo Só
	Colagem	
	No Brasil	
	Comercial	
	Gestos	
97 —	Cuba	Peatón
	Gracias, señor	
	Havana em cubos livres	
	Arrebentamento	
	Outras aves equi gorjeiam	
98 —	Saio	Pedro Barros
	Salto	
	Forte	
	Hora	
	Vez	
99 —	Santiago	Pedro Francisco Jopas
	Teatral nº 1	
	1922	
	Rendez-vouz	
	Precisamos de flores	
100 —	Fim do outono	Pedro Nicoláevitch
	Para ser-se	
	Bilhete de despedida	
	Flashes	
	Ignívoro	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
101 —	Cisma	Pegasus
	Quebranto	
	Ruptura	
	Saudades do Brasil	
	Pérolas aos porcos	
	Rato	
	Você	
	Musa	
	Idade Média	
	Esquinas	
	Busca	
	Cal	
	Alogia	
	Monumento	
	Bastou-me uma	
	Palavras	
	Genealogia	
	Eu	
	Danceteria	
	Rasante	
102 —	Contidos	Penélope
	Saudades do Recife	
	Lembranças	
	O primeiro amante	
	Uma festa	
	Cartilha Brasileira	Pipolho
	A cidade	
	Minha janela	
	Sem título I	
	Sem título II	
104 —	Entre safra	Poedor Metalingüístico
	Escrevendo	
	Poer musical	
	Papos Po-é(r)ticos	
	Visão Po-é(r)tica	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
105 —	Happy end	Policarpo
	Longínquo amante	
	Overdose	
	Do avesso ou mais haver com clandestinidade	
	Poraqui	
106 —	Imagens	Primeira Vez
	Definição	
	Espelho	
	Fotografia	
	Poesia batida	
107 —	O sonho de Léo	Pseudo
	Cálices	
	Shopping Center show	
	Desquestão	
	Vôo	
	Floema	
108 —	Agradecimento	Raphael
	Monólogo de um homem rico	
	Sou poeta e sou feliz	
	Quando adormeces	
	Levitação	
	Soldado errante	
	Em tuas mãos	
	Nas mãos do senhor	
	Devaneio	
	Adormeci de novo	
	Lágrimas de mãe	
	Despedida	
	Último abrigo	
	Querer bem	
	Paz e amor	
109 —	Toda vez que ela sorri	Renato Veloso
	Areciproco	
	Declaração de amor	
	Devaneio	
	Sonho de começo de inverno	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
110 —	Ano Novo	Ricardo Pessoa
	Revelação	
	Olhando pela janela	
	Encantamento	
	Pó	
111 —	Olhadela	Rocom
	Telekete	
	Recordação de um início de noite invernal	
	Liberdade	
	Trocadilho	
112 —	Segundo mundo	Rochinha
	Antítese	
	Influência	
	Para dizer que sou moderno	
	Licença poética	
113 —	Sem título I	Rodriguez
	Sem título II	
	Sem título III	
	Sem título IV	
	Sem título V	
114 —	Timidez	Sapão
	Devaneios	
	Muros	
	Metrópole qualquer	
	Perfeição	
115 —	A paz e a guerra	Shina
	O catador de papéis e o lado escuro da noite	
	O vento	
	Evolução	
	Mais um rosto na multidão	
116 —	Zen	Sofia
	Revelação	
	Ultimato	
	Resumo	
	In	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
117 —	Carinhas e boquinhas	T. E. R.
	Candura	
	O mundo quase esquecido	
	Poética	
	Amor	
118 —	Travesseiro	Trem de Ferro
	Coisa nova	
	A fila	
	O vazio	
	O peso	
119 —	Seus olhos	T. Rex
	Aos miseráveis	
	O frio	
	Acaiaca	
	Indefinições	
120 —	Majestade condição	Ubirajara Urbano
	Cadáveres e submissos	
	Alegre capricho	
	Raízes	
	Entrave de amor	
121 —	Fria obsessão	Vestfalia Aus Deutschland
	Gênesyapocalipse	
	Relato comovente de poeta pequeno burguês acometido por uma crise súbita de falta de inspiração	
	A nova ordem	
	Réquiem	
122 —	Blues	Vianna Netto
	Hermética	
	Espiral	
	Da vida	
	Turista	
123 —	Sexo frágil	Wandavã
	Divina comédia	
	Horalidades	
	Atropelamento	
	Pátria amada	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
124 —	Insano	Wiglio
	Lembranças	
	Descrição do movimento	
	Fale não cale	
	Sonho	
125 —	Enigma	Wilson Rezende
	Flores	
	Fim	
	Amor utópico	
	Amor	Yukta
126 —	Chuva	
	Jovens	
	Magia	
	Desatino	
	Fragilidade	

CONTOS

01 —	Presente	Alguém
	Minuto	
	Zape	
02 —	A senhorita Thompson	Ana Mãe
	Palavras de amor	
	Psicose	
03 —	Lilith	Avlis Oigrés
	O baile de máscaras	
	Uma noite com Shakespeare	
04 —	Conto-do-vigário	Brasil
	Teatro em cena	
	Depoimento	
05 —	Zenaide: a heroína nacional	Cavaleiro Solitário em Busca de Justiça
	Uma reflexão	
	Os dias seguintes	
06 —	Fatos de todos os dias	Cristiane Soares
	Armazém do interior	
	No palco	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
07 —	Arquipélago Parábola A face escura	Duende
08 —	Posseira I Posseira II Posseira III	Edelweis
09 —	Eu, o anjo, o demônio e Deus Cair das nuvens Ela Para um pequeno amigo	Érico Amaral
10 —	Impacto Canção desesperada O corpo morto	Florisbela
11 —	Andante Cliente morto não paga Pedaço de romance?	Hefesto Macabeu
12 —	Triste Marshal Memórias de Efigênia Nem isso nem aquilo	Ismael Kruell
13 —	Antológicos O bicho homem O profeta	J. Faustino
14 —	Morro: vida de cachorro O destino de mais um de nós Planeta terra, área sul, 06 de dezembro de 5990	Jambo
15 —	Destino sem traço Estação Voyeur Amor de Chocolate	Karenina
16 —	Realidade ou sonho Pequenas surpresas Detetive particular	L. Saint'yves

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
17 —	Infância A lenda da rosa negra O visitante	Luma
18 —	Meu quarto (conto 2) Conto Alguém	Marcel James Pereira
19 —	Rapunzel Vitoriosa A história das bolinhas azuis	Maria Alphonsina D'Aleli
20 —	O aspirador de pedras Deja vù Tanto faz	Max Romeo
21 —	Feliz aniversário As máscaras As árvores balançam no vento	Na Noite, Vozes
22 —	Insensatez juvenil Memórias de alcatrão Lenta agonia	Ouro Preto
23 —	Devem ser flores Saudades de uma andorinha Você seria um lindo cavaleiro medieval	Passarim
24 —	Falsas falas ou contrariando Barthes: fragmento de um discurso nada amoroso Sobre a linha de leão Do jogo e das peças	Petra Von Kant
25 —	Noite, quase meia-noite Conto de pivete I Conto de pivete II	Pseudo
26 —	Os moradores da casa azul Golpe do baú Coisa de deputado	Stela Matutina

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
27 —	Discurso do pó As saudades O homem-rato	Tanto Faz
28 —	O fim!(?), o nada!(?) Rotina Antônio e Ana Cristina	T. E. R.
29 —	Sessão continua O trote Desencontro	Umbral
30 —	A entrevista A computação aplicada à iluminação de aquários Malabarista num quarto fechado	Uqbar
31 —	Teadium vitae Estatísticas A confederação terrestre	Urbano Floyd
32 —	A história pelo avesso Loucuras de uma noite insone Estória sem graça	Zaila

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

CUADERNOS HISPANOAMERICANOS - Instituto de Cooperacion Iberoamericana - nº 469/470 - Madri - Espanha - 1989.

PLIEGO DE MURMURIOS - ano IX - nº 103 - Sabadell - Barcelona - Espanha 1990.

LEITURA - Revista do Deptº de Letras Clássicas e Vernáculas - CHLA/UFAL nº 4 - Maceió - Alagoas - 1988.

ARQUIPÉLAGO DOS CANTICOS - Jesús Gomes dos Santos - Vitória da Conquista - BA - 1989.

COLÓQUIO LETRAS - Fundação Calouste Gulbenkian - nº 108 - Lisboa Portugal - 1989.

PHILOLOGICA PRAGENSIA - Academia Scientiarum Bohemoslovaca - Praga Checoslováquia - 1989.

LETRAS & LETRAS - Revista do Deptº de Letras da UFUb - vol. 3 - nº 2 Uberlândia - MG - 1987.

BOLETIM DA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA - vol. XXXIX - Coimbra - Portugal - 1984.

THE YALE REVIEW - Yale University - nº 2 - New Haven - Connecticut - USA - 1989.

LEOPOLDIANUM - Revista de Estudos e Comunicações - Universidade Católica de Santos - vol. XVI - nº 46 - Santos - SP - 1989.

LEITURA Revista do Deptº de Letras Clássicas e Vernáculas do CHLA/UFAL nº 4 - Maceió - AL - 1988.

HOMENAJE A LA GENERACION DE LOS SESENTA - El Parnaso - Revista Literaria de Correos y Telegrafos - año V - nº 27 - Málaga - España 1989.

EL PARNASO - Revista de Correos y Telegrafos - año V - nº 26 - Málaga España - 1989.

BOLETIM DA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA - Vol. XL - Coimbra - Portugal - 1985.

STROMATA - Facultades de Filosofia y Teologia - Universidad del Salvador año XLV - nºs 3/4 - San Miguel - Argentina - 1989.

LETRAS - Revista do Instituto de Letras da PUC/Campinas - Vol. 7 - nºs 1/2 - Campinas - SP - 1988.

TORRE TAVIRA - Suplemento Antológico - Ignacio Rivera Podestá - Cadiz España.

LAS NUEVAS FORMAS DE ORIGINAR LA VIDA A LUZ DE LA ETICA Y DEL CODIGO CIVIL DE VENEZUELA - Augusto Leon y Francisco Lópes Herrera - Academia Nacional de Medicina/Academia de Ciências Politicas y Sociales - Caracas - Venezuela - 1989.

BOLETIM DE LA ACADEMIA DE CIENCIAS - POLITICAS Y SOCIALES -nºs 115, 116.117 e 118 - Año LXV - Caracas - Venezuela - 1989.

TRIZAS DE PAPEL - Centro de Actividades Jose Antonio Ramos Sucre - nº 4 - Cunamá - Venezuela - 1989.

CUADERNOS HISPANOAMERICANOS - Instituto de Cooperacion Iberoamericana - Los Complementários 4 - Alfonso Reyes - Madrid - España 1889.

LUSO-BRAZILIAN REVIEw - University of Wisconsin - vol. 26 - nº 1 - Madison Wisconsin - USA - 1989.

CUADERNOS HISPANOAMERICANOS - Instituto de Cooperacion Iberoamericana - Nºs. 471/472 - Madrid - España - 1989.

Il VENTO SALATO - anno I - Nºs. 1, 4, 5, 6 e 7 - Milano - Italia - 1989.

PHILOLOGICA PRAGENSIA - Academia Scientiarum Bohemoslovaca - nº 3 Praga - Checoslovaquia - 1989.

C'E TEMPO ANCORA... - Alessandra Carli Miglionico - Ed. Il Vento Salato/ Quaderni - Milano - Italia - 1989.

LE COURRIER DU CENTRE INTERNATIONAL D'ÉTUDES POÉTIQUES - Nºs. 185/186 - Bruxelles - Belgique - 1990.

O GALO - Jornal Cultural - Fundação José Augusto - ano II nºs. 19, 20, 21 e 22 - Natal - RN - 1989.

IL VENTO SALATO - anno III - nº 9 - Milano - Italia - 1989.

REVISTA DA BIBLIOTECA NACIONAL - vol. 4 - nº 2 - Lisboa - Portugal 1989.

DIMENSÃO - Revista de Poesia - ano IX - nºs. 16/17 - Uberaba - MG - 1989.

OSSÁRIO DO MITO - Fernando Fábio Fiorese Furtado - Ed. D'lira - Juiz de Fora - MG - 1990

LEOPOLDINUM - Revista de Estudo e Comunicações - vol. XVI - nº 47 - Universidade Católica de Santos - Santos - SP - 1990.

THE YALE REVIEW - Yale University - vol. 78 - nº 3 - New Haven - Connecticut - USA - 1989.

THE CENTENNIAL REVIEW - College of Arts and Letters - Michigan State University - vol. XXXIII - nº 3 - Michigan - USA - 1989.

STROMATA - Facultades de Filosofia y Teologia - Universidad del Salvador año XLV - nºs. 3/4 - San Miguel - Argentina - 1989.

COLÓQUIO LETRAS - Fundação Calouste Gulbenkian - nº 108 - Lisboa - Portugal - 1989.

LETRAS & LETRAS - Deptº de Letras da Universidade Federal de Uberlândia Vol. 4 - nºs 1/2 - Uberlândia - MG - 1988.

DIMENSÃO - Revista de Poesia - ano X - nºs 18/19 - Uberaba - MG - 1989.

INTERNATIONAL POETRY - International Writers and Artists Association - Moorhead - MN - USA - 1988.

CUADERNOS HISPANOMERICANOS - Instituto de Cooperación Iberoamericana - nºs 476/477/478 - España - 1990.

LUSO-BRAZILIAN REVIEW - University of Wisconsin - vol. 27 - nº 1 - Madison - Wisconsin - USA - 1990.

FRANCISCANUM - Revista de las Ciencias del Espiritu - Facultades de Filosofia y Teologia de la Universitad de San Buenaventura - año XXXI nº 93 - Bogota - Colombia - 1989.

PHILOLOGICA PRAGENSIA - Academia Scientiarum Bohemoslovaca - nº 4 Praga - Checoslovaquia - 1989.

PHILOLOGICA PRAGENSIA - Academia Scientiarum Bohemoslovaca - nº 1 Praga - Checoslovaquia - 1990.

THE YALE REVIEW - Yale University - vol 79 - nº 1 - New Haven - Connecticut - USA - 1989.

NEUE ROMANIA - Instituts für Romanische Philologie der Freien Universität Berlin - Nr. 9 - Berlin - Alemanha - 1990.

REVISTA DA BIBLIOTECA NACIONAL - vol. 5 - nº 1 - Lisboa - Portugal 1990.

LETRAS - Revista do Instituto de Letras da PUC/Campinas - vol. 8 - nºs 1/2 - Campinas - SP - 1990.

CUADERNOS HISPANOAMERICANOS - Instituto de Cooperación Iberoamericana - Nºs. 479/480/481 - Madrid - España - 1990.

REBELAMENTOS (DAS ABSCONSAS AFRICAS DA MINHA DIÁSPORA) - Marcos A. Dias - Ed. Mazza Edições - Belo Horizonte - MG - 1990.

STROMATA - Faculdades de Filosofia y Teología - Universidad del Salvador año XLVI - San Miguel - Argentina - 1990.

CUADERNOS HISPANOAMERICANOS - Los Complementarios/5 - Instituto de Cooperación Iberoamericana - Madrid - España - 1990.

PLIEGO DE MURMURIOS - año X - nºs 104/105/106/107 - Sabadell - España - 1990/1991.

GARATUJA - Suplemento Literário do Jornal Laconicus - nºs 7/8/9 - Bento Gonçalves - RS - 1990.

GARATUJA - Suplemento Literário do Jornal Laconicus - nº 10 - Bento Gonçalves - RS - 1991.

PHILOLOGICA PRAGENSIA - Academia Scientiarum Bohemoslovaca - nº 2 Praga - Checoslovaquia - 1990.

UMA SALA DE AULA - Seleção de textos de alunos da 6ª série/turma 12 Escola Estadual Odilon Behrens - Guanhães - MG - 1988.

A NOITE OCIDENTAL - Ribamar Ramos - Ed. Achiamé - RJ - 1988.

EL CAIMAN BARBUDO - Revista Cultural de la Juventud Cubana - año 24 - nºs 262/263/264/265/266/267/268/269/270/271/272 - Habana Cuba - 1990.

CARTAS

Algumas críticas à Revista Literária do Corpo Discente da UFMG

... Meus companheirinhos a RL é uma iniciativa fantástica, voltada para quem gosta de poesia...

SAULO LARANJEIRA — Programa Arrumação - TV. Minas Cultural e Educativa - 18/11/90

... Parabéns pelo nº 22 da RL... Continuem a luta.

MARCOS M. VILAÇA — Rio de Janeiro - RJ

... Nossa RL chega aos 25 Anos e ao 22º número... Parabéns à Comissão Editorial...

MARIA ISABELLE AVELAR DE ALBUQUERQUE — Petrópolis-RJ

... tendo participado do momento de criação da RL eu me sinto orgulhoso, muito orgulhoso pois vejo que a semente foi lançada em boa terra e está frutificando nesses 25 Anos que nós comemoramos agora. Parabéns à Ana, ao Carlos e ao Ronald que hoje levam à frente esse sonho que começou em 1966.

Prof. ALUÍSIO PIMENTA, Deputado Federal, Ex-Ministro da Cultura e Ex-Reitor da UFMG à época da criação da RL.

... A Revista Literária está completando 25 anos... Uma das mais antigas publicações da UFMG e a única em nível universitário no Brasil... Alguns escritores consagrados nacionalmente começaram publicando seus trabalhos na RL.

Jornal HOJE EM DIA (29/11/90) — BH - MG.

... cumprimentar toda a equipe da RL pela importante contribuição prestada à produção cultural de nossa universidade.

Prof. EVANDRO MIRRA DE PAULA E SILVA
Vice-Reitor da UFMG

... O 22º número da RL é dedicado a Oswaldo França Jr. Fundada em 1966 por Plínio Carneiro, Luiz Vilela e Luiz Gonzaga Vieira é uma das mais antigas e tradicionais publicações da nossa Universidade.

Wilson Frade (Jornal O Estado de Minas — 10/08/90) - BH - MG.

... uma bela coletânea de jovens escritores aos quais a Universidade Federal de Minas Gerais abre as portas da publicação. É de fundamental importância para o desenvolvimento da literatura brasileira que outras universidades copiem esse exemplo...

Prof. GERARD ALVES PORTO — BELÉM - PA.

... chega aos 25 anos mais jovem do que nunca, bem feita, limpa, gostosa de se ler...

MARCOS LUFT — Caxias - RS.

Publicações especializadas em literatura são raras em nosso estado. Que elas sejam de boa qualidade, fato ainda mais incomum. Parabéns.

GENTIL T. CASTANHEIRA — Uberlândia - MG.

... e o que é melhor, com o valor do prêmio concedido aos vencedores do último concurso o nível vai melhorar ainda mais.

MARTHA GOMES — BH - MG.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

IMPRENSA UNIVERSITARIA

Caixa Postal 1.621 — 31.270 Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil

BIBLIOTECA FACULTAD DE CIENCIAS ECONOMICAS

UNIVERSIDAD NACIONAL DE CUYO
Casa de Piedad 1.627 — 5.500 Mendoza — Rep. de Chile